



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS ARTÍSTICAS, CULTURA E
EDUCAÇÃO

Campus Nilópolis

Luz Mariana Blet

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS MUDIÁTICAS NAS MANIFESTAÇÕES DE
2013 NO BRASIL.

Nilópolis - Rio de Janeiro

2015.

Luz Mariana Blet

**CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS MUDIÁTICAS NAS MANIFESTAÇÕES DE
2013 NO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientador: Tiago Monteiro.

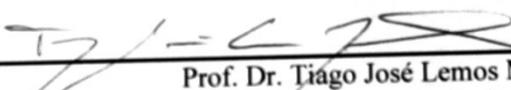
Nilópolis – Rio de Janeiro
2015.

Luz Mariana Blet

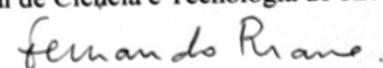
**CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS MUDIÁTICAS NAS
MANIFESTAÇÕES DE 2013 NO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

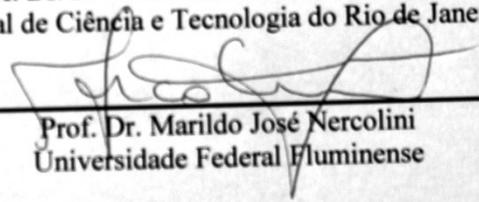
Data de aprovação: 09/04/2015



Prof. Dr. Tiago José Lemos Monteiro
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/Nilópolis



Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/Nilópolis



Prof. Dr. Marildo José Nercolini
Universidade Federal Fluminense

Nilópolis - RJ
2015

B647c Blet, Luz Mariana.

Convergências e divergências midiáticas nas manifestações de 2013 no Brasil / Luz Mariana Blet ; orientador: Tiago Monteiro. – Nilópolis, RJ : IFRJ, 2015.

62 f. : il. ; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação) - Instituto Federal Rio de Janeiro - IFRJ, Programa de Pós – Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, 2015.

1. Protestos e manifestações – Brasil – 2013. 2. Movimentos sociais – Brasil. 3. Comunicação de massa. I. Monteiro, Tiago, **Orient.** II. IFRJ. III. Título.

CDU 323.233(81)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram parte da minha vida nestes últimos dois anos e, que direta ou indiretamente, contribuíram para que eu conclua esta pós-graduação. Porém, há alguns nomes que gostaria de citar, pois, de alguma forma, foram pessoas fundamentais neste processo. Então, meus agradecimentos especiais ao Tiago, por ter sido atencioso desde quando eu mandava e-mails de Florianópolis, perguntando informações do curso, pela confiança de que eu poderia concluir a pós-graduação, mesmo com as dificuldades que enfrentaria ao me mudar de cidade e, principalmente, por toda a paciência e dedicação como meu orientador. Ao Eduardo, pela confiança e por ter aberto as portas de sua casa logo que cheguei ao Rio de Janeiro, me possibilitando iniciar o curso com tranquilidade. Ao Rômulo, pela amizade desde minha chegada ao Rio, pela parceria nas manifestações e pela força nos momentos finais desta pesquisa. Ao Fabiano, pelo companheirismo, amizade e bons momentos proporcionados e por ter estado ao meu lado em grande parte desta jornada. A toda a turma do Lace, principalmente à Patrícia, que me ofereceu sua amizade desde a fila do processo seletivo da pós, e com a qual posso contar até hoje. E, por último, a minha mãe, que mesmo que não a veja desde que decidi fazer o curso, certamente é quem mais contribuiu para eu ter chegado até aqui.

RESUMO

Esta pesquisa abordará as manifestações ocorridas no Brasil, iniciadas em junho de 2013, focando a cidade do Rio de Janeiro, e analisará o papel da mídia tradicional e das novas mídias na cobertura dos protestos. Serão observadas reportagens da cobertura das mídias tradicionais, com foco no Jornal Nacional e das novas mídias, com foco na Mídia Ninja, com o objetivo de identificar o processo de convergência que a sociedade está vivendo e como ele se reproduz na atuação da mídia. Para buscar aprofundamento no assunto, serão consultados autores abordando conceitos de cultura de massa, novas mídias, cultura da convergência, cibercultura, movimentos sociais e discurso. Serão utilizados como procedimentos metodológicos para esta pesquisa o método exploratório e pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Comunicação de Massa; Novas Mídias.

ABSTRACT

This study will address contemporary social movements, focusing on the protests that took place in Brazil, since June 2013 and it will analyze the process of convergences and divergences between traditional and new media covering channels. For further analysis on the subject, we will discuss authors on the concepts of mass culture, new media, convergence culture, cyberculture, social movements and speech. As for methodological procedures on this research, we decided on exploratory method and bibliographical research with a qualitative approach.

KEYWORDS: Social Movements, Cyberculture, New Media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Chamamento Occupy.....	19
Figura 2: Foto Policiais - 07/06/2013.....	30
Figura 3: Foto Manifestantes - 07/06/2013.....	30
Figura 4: Foto Cartaz - 15/07/2013.....	30
Figura 5: Foto Manifestante com bandeira - 21/06/2013.....	31
Figura 6: Foto Manifestante Mascarado - 21/06/2013.....	32
Figura 7: Foto Manifestação Copa - 30/06/2013.....	32
Figura 8: Foto violência policial - 30/06/2013.....	32
Figura 9: Post sobre vídeo de Bruno.....	33
Figura 10: Foto Caetano Mascarado - 05/09/2013.....	34
Figura 11: Foto polícia na Cinelândia - 29/09/2013.....	34
Figura 12: Foto Black Bloc - 07/10/2013.....	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 TEMA E PROBLEMA.....	12
1.2 OBJETIVO GERAL.....	12
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
1.4 HIPÓTESE.....	13
1.5 JUSTIFICATIVA.....	13
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	13
2. A SOCIEDADE EM REDE E OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	15
2.1 NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	16
2.2 A PRIMAVERA ÁRABE.....	18
2.3 OCCUPY WALL STREET.....	18
2.3 JORNADAS DE JUNHO NO BRASIL.....	19
2.3.1 O Movimento Passe Livre.....	20
2.3.2 Jornadas de Junho – Primeira Fase.....	20
2.3.3 Jornadas de Junho – Segunda Fase.....	21
3. COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	23
3.1 NOVOS PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO.....	23
3.2 ESTUDOS SOBRE RECEPÇÃO E AUDIÊNCIA TELEVISIVA.....	25
3.3 CONVERGÊNCIAS MIDIÁTICAS, CIBERCULTURA E MIDIALIVRISMO.....	26
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	28
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
4.2 AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 NO BRASIL DE ACORDO COM A MÍDIA NINJA E O JORNAL NACIONAL.....	28
4.2.1 Resultados da Análise.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	

1. INTRODUÇÃO

Em junho de 2013 o Brasil viu iniciar um processo de manifestações popul por todo o país, que ficaram posteriormente conhecidas como Jornadas de Junho, impulsionadas pelo aumento das tarifas no transporte coletivo nas principais capitais e propagadas por meio das redes sociais, que se estenderam até o final do ano.

As manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre vinham ocorrendo no Brasil desde 2003 e concentravam-se na insatisfação com aumento das tarifas. Estas manifestações anteriores possuíam um número relativamente pequeno de adesões, se comparado ao que foi visto a partir de junho.

Mas, o que começou com a insatisfação pelo preço das tarifas ganhou, em junho, proporções muito maiores, favorecido pelo contexto em que o país se encontrava. Gastos milionários com a Copa do Mundo, corrupção na política, violência do Estado, desrespeito às liberdades individuais, insatisfação com a saúde e educação, todos estes assuntos vinham perturbando os brasileiros, que se restringiam apenas a manifestar suas insatisfações nas redes sociais.

Este contexto de insatisfação geral da população, aliado às novas formas de utilização das redes sociais e a uma demanda latente na juventude por experimentar novas experiências no cenário político e midiático, que as mídias tradicionais não permitiam, resultou em uma nova forma de interação através das mídias sociais já presentes no cotidiano desta juventude, agora com fins não apenas de entretenimento, mas de mobilização social.

O que foi visto desde que iniciaram as manifestações no país, foi uma grande divergência entre o que circulava nas novas mídias e nas notícias da mídia tradicional. A população nas ruas, com seus smartphones, câmeras e filmadoras, retratava os protestos com sua visão, que era bem diferente da apresentada pela televisão ou pelos grandes portais de notícias. Desde o número de pessoas nas ruas, passando pela ação da polícia, até os termos utilizados para descrever os manifestantes mostraram uma inegável parcialidade da mídia tradicional.

A postura dos grandes veículos de comunicação em relação às manifestações fez crescer a visibilidade das mídias alternativas, como é o caso da Mídia NINJA, por exemplo.

A sigla NINJA significa Narrativas Independentes Jornalismo e Ação. A Mídia NINJA é responsável pela POSTV, TV digital independente e aberta, produzida por jornalistas independentes, que gravam as manifestações com câmeras e smartphones e as transmitem em tempo real. O grupo surgiu em 2012, mas ganhou visibilidade nacional a partir das manifestações de junho, como alternativa de informação mais condizente com a realidade das ruas do que as mídias tradicionais, e hoje possui mais de 180 mil seguidores em sua página no Facebook.

Esta ascensão das mídias alternativas, a participação popular na geração, distribuição e consumo de conteúdo midiático gerou novas dinâmicas nas relações entre sociedade e meios de comunicação de massa, é o que Jenkins (2006) chama de *cultura da convergência*.

1.1 TEMA E PROBLEMA

O processo de convergência midiática não tem como objetivo excluir as mídias antigas, mas sim de criar novas dinâmicas entre os receptores e emissores das mensagens, transformando-se mutuamente de acordo com as novas tecnologias e as novas demandas.

Nesse contexto, esta pesquisa visa identificar o processo de convergência presente em nossa sociedade e como ele se reproduz na mídia, a partir da análise da cobertura midiática das manifestações de junho de 2013 no Brasil. Para tal, busca-se a resposta para o seguinte questionamento: De que forma a Mídia Ninja e o Jornal Nacional noticiaram as manifestações de junho de 2013 no Brasil e como é possível identificar o processo de convergência midiática a partir destas coberturas?

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar o processo de convergência e sua reprodução na atuação da mídia, a partir da cobertura das manifestações de 2013 realizada pela Mídia Ninja e Jornal Nacional, identificando divergências e convergências entre ambas.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elaborar uma revisão de literatura acerca de movimentos sociais, redes, cultura da convergência, comunicação de massa e cibercultura;
- Coletar o material produzido sobre as manifestações pela Mídia Ninja e Jornal Nacional;
- Analisar o material selecionado, identificando processo de convergência midiática.

1.4 HIPÓTESE

Ao final desta pesquisa, será observado que existe uma codependência entre as mídias tradicionais e as novas mídias. Apesar de existirem divergências no discurso produzido acerca das manifestações de junho no Brasil, uma não tem como objetivo extinguir a outra.

1.5 JUSTIFICATIVA

A utilização das redes sociais e das novas mídias nos movimentos sociais tem se tornado cada vez mais frequente em diversas partes do mundo e constitui um grande desafio teórico para diversas áreas do conhecimento, principalmente do campo da comunicação. A realização desta pesquisa torna-se importante para refletir acerca do papel atual da mídia e de suas transformações na sociedade globalizada.

Quanto à relevância deste estudo, no aspecto pessoal, deve-se ao fato de a acadêmica ter participado das manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre, desde 2005 na cidade de Florianópolis, Santa Catarina e ter participado também das manifestações de junho de 2013 no Rio de Janeiro, podendo observar a diferença entre ambas, proporcionada, entre outros motivos, pela utilização das redes sociais e novas mídias para divulgar e noticiar os protestos.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho foi estruturado em 5 capítulos, que serão descritos na sequência para melhor situar o leitor.

O primeiro capítulo contempla a introdução, o tema e o problema de pesquisa, assim como, os objetivos, a hipótese, a justificativa e a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo são abordados os conceitos de sociedade em rede, utilizando principalmente as obras de Manuel Castells, e novos movimentos sociais, presentes na bibliografia de Alberto Melucci e Maria da Glória Marcondes Gohn. Após abordar o conceito de novos movimentos sociais, são analisados alguns destes movimentos, tais como a Primavera Árabe, o Occupy Wall Street, e as Jornadas de Junho, utilizando, além da obra de Castells, informações recolhidas das páginas dos movimentos na internet ou obras de diversos autores sobre os mesmos.

Após realizar uma análise sobre sociedade em rede, onde é ressaltada a importância da comunicação neste processo, o terceiro capítulo é destinado aos estudos sobre comunicação. Iniciando com os conceitos tradicionais de comunicação de massa, utiliza-se a obra de Adorno e, posteriormente, os estudos mais contemporâneos de Martín-Barbero, até chegar à necessidade de um novo paradigma da comunicação, apontada pelos teóricos dos Estudos Culturais, tais como Stuart Hall e Guillermo Orozco. Na sequência, são abordados os conceitos de cultura da convergência, da obra de Henry Jenkins, de ciberativismo e midialivrisimo, analisando o caso da Mídia Ninja e sua atuação nas manifestações de 2013 no Brasil.

No quarto capítulo é desenvolvida a análise dos dados, onde é feita uma narrativa das manifestações de 2013 no Brasil, num confronto entre o material produzido pelo Jornal Nacional e pela Mídia Ninja.

O quinto capítulo apresenta a conclusão da pesquisa, com a exposição das respostas aos objetivos propostos neste estudo.

2. A SOCIEDADE EM REDE E OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os levantes ocorridos no Oriente Médio e norte da África em 2011, conhecidos como Primavera Árabe, as ocupações a espaços públicos nos Estados Unidos em 2011, como o Occupy Wall Street ou os protestos organizados pelo Movimento Passe Livre no Brasil em 2013, que resultaram em uma onda de manifestações em todo o país, conhecidas como Jornadas de Junho, são movimentos sociais que, apesar de recentes, já entraram para a história da nossa sociedade.

Porém, é possível perceber que estes movimentos se diferenciam dos movimentos sociais ocorridos no século XX, como as greves operárias (1917), os levantes comunistas no Brasil (1935) ou os movimentos negro e feminista nos Estados Unidos (1960). Para compreender as diferenças entre estes movimentos sociais, é necessário olhar atentamente para as transformações estruturais que vêm ocorrendo no mundo, a partir do momento em que algumas características da sociedade industrial são reconfiguradas pelo processo de globalização em curso.

Para Giddens (2000) a globalização é um processo de intensificação das relações sociais, que perpassa o campo econômico, político, tecnológico e cultural, com conexões em escala global, influenciadas principalmente pelos sistemas de comunicação.

Já Castells (2005) afirma que o processo de globalização tem como base as transformações nas tecnologias de informação e comunicação. Contudo, o autor ressalta que não é a tecnologia que molda a sociedade, mas sim a sociedade que molda a tecnologia, de acordo com os interesses e necessidades da população.

Boaventura de Souza Santos (2002, p.1), por sua vez, ao analisar o processo de globalização, afirma que se trata de um “fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo”. Desta forma, não condiz buscar uma única explicação para os processos que ocorrem no mundo globalizado.

A globalização configura um campo de conflitos sociais entre grupos hegemônicos, grupos subalternos e Estado, onde os grupos hegemônicos atuam na base do consenso neoliberal. O consenso neoliberal é o que legitima as características dominantes da globalização e defende o fim das diferenciações político-ideológicas profundas, características

dos países hegemônicos do século XX, para uma cooperação entre as potências que gerem uma relação de dependência nos países periféricos (SANTOS, 2002).

Estes consensos de cooperação aproximam de tal modo localidades territorialmente distantes, que os acontecimentos locais de países periféricos, por exemplo, são condicionados e influenciados por eventos ou decisões ocorridas nos países hegemônicos, e vice versa. (GIDDENS, 1990).

Pode afirmar-se que a globalização favorece o que autores como Castells (2005) denominam de *sociedade em rede*¹. Nesta forma de organização social a comunicação transcende as fronteiras, interliga países e difunde-se por todo o mundo. Porém, ela não inclui (apesar de atingir) todas as pessoas. Da mesma forma que ela é abrangente, é também excludente de grande parte da sociedade.

No campo da cultura, a globalização originou convergências e hibridismos entre as diferentes culturas nacionais. Mas, conforme Boaventura de Souza Santos (2002), a cultura é o campo das diferenças e das comparações:

Poderíamos até afirmar que a cultura é, em sua definição mais simples, a luta contra a uniformidade. Os poderosos e envolventes processos de difusão e imposição de culturas, imperialisticamente definidos como universais, têm sido confrontados, em todo o sistema mundial, por múltiplos e engenhosos processos de resistência, identificação e indigenização culturais. Todavia, o tópico da cultura global tem tido o mérito de mostrar que a luta política em redor da homogeneização e da uniformização culturais transcendeu a configuração territorial em que teve lugar desde o século XIX até muito recentemente, isto é, o Estado-nação. (SANTOS, 2002, p.6).

Para alguns autores a globalização faz da nossa sociedade a sociedade da informação, ou do conhecimento. Conforme Castells (2005), esta é uma afirmação errônea, já que em todas as formas de sociedade, informação e conhecimento eram temas centrais. Para o autor, a diferença agora está nas tecnologias, que transformadas pelos interesses da sociedade, proporcionam novas características a uma antiga forma de organização social: as redes. A

¹“A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal (vide Monge e Contractor, 2004). É um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria. As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de *performance* para a rede. Estes programas são decididos socialmente fora da rede mas a partir do momento em que são inscritos na lógica da rede, a rede vai seguir eficientemente essas instruções, acrescentando, apagando e reconfigurando, até que um novo programa substitua ou modifique os códigos que comandam esse sistema operativo”(CASTELLS, 2005, p. 20).

organização em rede era, historicamente, associada apenas à vida privada; os outros campos, como a produção e o poder estavam organizados de forma vertical.

As redes de tecnologias digitais permitem uma transformação nesses padrões históricos, elas “são a coluna vertebral da sociedade em rede, tal como as redes de potência (ou redes energéticas) eram as infraestruturas sobre as quais a sociedade industrial foi construída”. (CASTELLS, 2005, p.18).

Uma das áreas mais importantes da sociedade em rede é a da comunicação, que será melhor explorada no terceiro capítulo desta pesquisa. Conforme Castells (2005), a comunicação vem passando por diversas transformações e, na sociedade em rede, pode ser definida por três tendências: a comunicação é organizada por grandes conglomerados de *media*, que incluem televisão, rádio, imprensa, internet, indústria audiovisual e fonográfica e é, simultaneamente, global e local; a comunicação está passando de um sistema de *mass media* para um de *multimedia*, ela está mais digitalizada, interativa e fragmentada, com audiências segmentadas; na sociedade em rede formam-se redes de comunicação horizontal, independentes das grandes organizações de *media* e governos. É uma comunicação de massa autocomandada, de massa pela sua abrangência global e autocomandada porque ocorre sem a mediação de grandes organizações. Através de blogs, streaming e outras formas de interatividade, a comunicação se torna mais socializante do que a tradicional comunicação de massas.

Porém, não se pode pensar na comunicação como algo libertador como muitos profetizam,

ela é constituída simultaneamente por um sistema oligopolista de negócios *multimedia*, que controlam um cada vez mais inclusivo hipertexto, e pela explosão de redes horizontais de comunicação local/global. E, também, pela interação entre os dois sistemas, num padrão complexo de conexões e desconexões em diferentes contextos. (CASTELLS, p.24).

A comunicação passa de uma relação privada (comunicação interpessoal), para um espaço público de construção de sentido, onde as pessoas recebem informação, formam ideias e opiniões, e por este motivo ela é de grande importância no processo de decisão política.

Neste sentido, a comunicação também altera as formas de sociabilidade. Ao contrário do que muito se pensa, não se trata da extinção da interação humana, ou do isolamento. A internet permite novas formas de sociabilidade, ampliando as redes sociais, tanto virtuais como face a face. No entanto, a cultura dominante da nossa sociedade promove o

individualismo; então, o que se percebe agora é a presença de um individualismo em rede, ou seja, nas palavras de Castells, (2005, p.23) “a sociedade em rede é uma sociedade de indivíduos em rede”.

Nesta ‘sociedade de indivíduos em rede’, agrupar-se e realizar ações coletivamente projeta em cada indivíduo a ideia de pertencimento social, e é neste sentido que se formam os movimentos sociais na contemporaneidade, que serão analisados a seguir.

2.1 NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os estudos teóricos sobre os movimentos sociais passaram por diversas transformações ao longo da história. O sociólogo Alberto Melucci (1989) menciona que, após os anos 1970, houve uma reavaliação no conceito de *movimento social*, até então tratado como uma reação a crises estruturais ou expressão de crenças e ideais comuns a certo grupo.

Após este período, surgiram linhas teóricas como a do *isolamento*, que abordava o comportamento de massa e considerava os movimentos sociais como resultado da crise econômica e, a da *solidariedade*, para a qual os movimentos sociais eram a expressão de interesses dentro de uma situação social comum (Tilly, 1975; Useem 1980 apud Melucci, 1989). Ou, ainda, as linhas da *estrutura*, segundo a qual movimentos sociais são resultado da lógica do sistema e, da *motivação*, em que estes são resultado de ideologia e valores pessoais (Webb, 1983, apud Melucci, 1989).

Ainda na década de 1970, autores como Touraine (1973) e Habermas (1976) formularam teorias em termos de mobilização de recursos, que ultrapassavam as propostas anteriores e consideravam novas formas de conflito, além das tradicionais lutas pela força de trabalho (MELUCCI, 1989).

O sociólogo Melucci (1989) acrescenta que essas teorias concentraram a análise no nível político e não no civil; sendo os movimentos sociais resumidos a *protestos*² políticos pertencentes a um sistema político.

²“O protesto é uma parte de um sistema de relações que inclui respostas do sistema político e a interação entre grupos protesto e elites. O conceito de *estrutura de oportunidade política* (Tarrow, 1983) é relevante para a análise da ação coletiva como um sistema e não apenas como uma crença ou um conjunto de interesses objetivos”. (MELUCCI, 1989, p. 53).

Os movimentos sociais contemporâneos não podem ser resumidos apenas a uma motivação econômica, eles também buscam bens não mensuráveis, como solidariedade e identidade. “Eles se concentram na necessidade de auto-realização, mas não numa orientação política, porque contestam a lógica do sistema nos campos culturais e na vida cotidiana das pessoas” (MELUCCI, 1989, p. 54). Assim, é possível afirmar que os movimentos sociais contemporâneos são complexos, não são apenas políticos e afetam o sistema como um todo.

É difícil definir ao certo o que é um movimento social na contemporaneidade; apesar disso, autores como Tarrow (1983, apud Melucci 1989) tentam diferenciar alguns conceitos. Para o autor, movimentos são as formas de opinião de massa, organizações de protesto são as formas de *organização* da sociedade e eventos de protesto são as formas de *ação* da sociedade.

Melucci (1989, p. 57) define analiticamente movimento social como:

uma forma de ação coletiva, baseada na *solidariedade*³, desenvolvendo um *conflito*⁴, rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação. Estas dimensões permitem que os movimentos sociais sejam separados dos outros fenômenos coletivos (delinquência, reivindicações organizadas, comportamento agregado de massa) que são, com muita frequência, empiricamente associados com “movimentos” e “protesto”.

Em relação aos movimentos sociais contemporâneos, Gohn (2011, p. 339) menciona que são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” e acrescenta que essas formas de organização podem ser de pressão direta, como marchas, passeatas e mobilizações ou de pressão indireta.

Estes novos movimentos sociais não podem ser resumidos a questões político-econômicas, pois possuem interesses e posições ideológicas plurais e difusas. Eles não têm uma base clara na luta de classes como ocorria nos movimentos operários ou camponeses, e sua propagação está relacionada à crise na credibilidade do sistema como um todo. Os atores desses movimentos não têm uma identidade social baseada nas estruturas sociais e sim uma identidade coletiva criada no processo (Gohn, 1997).

³Melucci (1989) define *Solidariedade* como a capacidade dos atores sociais partilharem uma identidade coletiva.

⁴*Conflito*, para Melucci (1989) é uma relação entre atores opostos, lutando pelos mesmos recursos aos quais ambos dão um valor.

Sposito (2014) complementa que, no Brasil, os movimentos sociais são marcados pela diversidade das motivações, que podem ser desde problemas de moradia, conflitos nos locais da vida cotidiana das pessoas, até questões étnicas ou outras formas que não se restringem, apesar da inegável relação, à questão de classe.

Apesar de alguns teóricos dos novos movimentos sociais simpatizarem com as ideias marxistas de ideologia, lutas sociais e consciência, as novas teorias diferem das marxistas por retirar a ideia de classe da centralidade da luta, incluindo questões culturais como a ideia de identidade e reconhecimento (GOHN, 1997).

Para Maria da Glória Marcondes Gohn (1997, p. 124), “nos novos movimentos sociais a identidade é parte constitutiva da formação dos movimentos, eles crescem em função da defesa dessa identidade. Ela se refere à definição dos membros, fronteiras e ações do grupo”.

Melucci (1989) acrescenta que, nos novos movimentos sociais, se por um lado, percebe-se o aumento da individualidade e da autonomia dos atores sociais, por outro, esses movimentos estão cada vez mais interligados. Esta característica dos novos movimentos sociais está relacionada com as mudanças de comportamento dos indivíduos na sociedade em rede, onde se valoriza um ‘individualismo conectado’, ou, como Castells, (2005, p. 23) denomina, "uma sociedade de indivíduos em rede".

Uma combinação de descontentamento econômico e político-ideológico aliado a uma crise nas representações une os indivíduos, muitas vezes com interesses e opiniões diferentes, que se conectam pela internet e formam redes. O ciberespaço se configura como um local *seguro* para que pessoas de todas as idades e condições sociais reclamem o seu direito de fazer história e assim ocupar o espaço urbano (CASTELLS, 2012).

Os movimentos sociais em rede se estenderam primeiro no mundo árabe e foram fortemente reprimidos pelos governos ditatoriais, transformando-se em guerras civis. Na Europa e nos Estados Unidos, surgiram movimentos espontâneos, gerados pela insatisfação com as respectivas gestões econômicas. Nos Estados Unidos o Occupy Wall Street se transformou no acontecimento do ano de 2011, conectando redes da internet à ocupação do espaço urbano. Da mesma forma, ocorreu em países como Espanha, Grécia, Portugal, Itália e Grã Bretanha, onde sindicatos e estudantes conectados pelas redes ocuparam praças e locais de importante valor simbólico de cada cidade (CASTELLS, 2012).

Para Ruy Braga, a luta pela ampliação dos direitos sociais é uma das chaves para compreender os novos movimentos sociais, principalmente dos países periféricos. No Brasil, as revoltas populares que pareciam estar adormecidas pelo modelo neoliberal estabelecido

após a ditadura militar, voltaram à tona através da luta pelo direito à cidade, em um período no qual o país se torna palco de megaeventos e especulações financeiras, mais especificamente por meio da luta contra o aumento das passagens do transporte coletivo, através do Movimento Passe Livre (MPL, 2013).

Malini (2013) ressalta que estes movimentos, apesar de possuírem contextos e motivações diversas, têm em comum a apropriação de ferramentas tecnológicas e da comunicação para produzir resistência e se espalharem de forma global.

Os novos movimentos sociais, produto de uma sociedade em rede e, muitas vezes, articulados nas redes sociais levam às ruas a multiplicidade das redes sociais. Para Sakamoto (2013, p. 95):

essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim, de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social.

A seguir será feita uma análise de como eclodiram alguns dos movimentos sociais mais marcantes da última década no mundo e no Brasil. Entre eles, os movimentos ocorridos na África e Oriente Médio, conhecidos como Primavera Árabe, o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos, e as Jornadas de Junho no Brasil.

2.2 A PRIMAVERA ÁRABE

Primavera Árabe foi o nome dado para os levantes populares ocorridos no norte da África e em países do Oriente Médio, iniciadas em dezembro de 2010, que repercutiram na queda de governos de países como Egito e Tunísia (SILVA, 2012).

Os problemas econômicos que os países dessa região têm enfrentado nos últimos anos, aliados à insatisfação com os regimes autoritários que se encontravam no poder são as motivações principais para os levantes da Primavera Árabe. Porém, não se pode esquecer que o movimento englobou protestos em países diferentes – tais como Tunísia, Egito, Líbano, Jordânia, territórios palestinos, Iraque, Kuwait, Omã, Arábia Saudita, Emirados, Sudão, Argélia, Marrocos, Síria, Iêmen e Líbia – que possuem realidades e problemas econômicos e sociais diferentes (FERABOLLI, 2012).

Na Tunísia, os protestos iniciaram após o jovem Mohamed Bouazizi incendiar o próprio corpo em um prédio do governo, no dia 17 de dezembro de 2010, após a polícia impedi-lo de trabalhar em uma feira de verduras por não ter licença. O jovem foi levado ao hospital, mas faleceu no dia 3 de janeiro de 2011. No mesmo dia do episódio envolvendo Mohamed, tiveram início protestos de outros jovens no mesmo prédio, o primo de Mohamed gravou os protestos e postou nas redes sociais, motivando outros suicídios simbólicos e instigando a ira da população contra o regime. Este fato, aliado ao descontentamento popular com autoritarismo do governo, fez insurgir uma onda de protestos em todo o país, até chegar à capital Tunis. Os manifestantes foram fortemente reprimidos pela polícia, ao menos 147 pessoas foram mortas e centenas feridas. Os protestos na Tunísia desencadearam uma crise política que derrubaria o governo do presidente Ben Ali, no poder há 23 anos (CASTELLS, 2012).

A principal característica dos levantes na Tunísia, apontada por Castells (2012), é a relação entre a livre comunicação possibilitada pelas redes sociais e a ocupação do espaço urbano, como criadoras de um espaço público híbrido de liberdade, que se tornaria o presságio dos futuros movimentos pelo mundo.

No Egito, a morte do jovem Khaled Said, em junho de 2010, após ter sido espancado pela polícia, que o acusava de ter gravado e divulgado um vídeo dos policiais distribuindo, entre eles, o lucro de uma apreensão de drogas, motivou a organização de protestos, a partir de páginas no Facebook, entre elas a mais famosa ‘We are all Khaled Said’ em homenagem ao jovem (SILVA, 2012).

A exemplo da Tunísia, seis jovens egípcios incendiaram seus corpos em protesto contra o aumento do preço dos alimentos, que deixara muitas famílias famintas. A partir disso, o Movimento Juvenil egípcio realizou um chamamento à juventude, em nome da jovem Asmaa Mafhouz, uma de suas fundadoras. O chamamento postado no Facebook e Youtube falava das mortes dos egípcios incendiados e pedia dignidade e apoio da população, convocando todos a ocupar a praça de Tahrir no dia 25 de janeiro (CASTELLS, 2012).

O governo, percebendo a importância das redes sociais nessas mobilizações, mandou cortar o serviço de internet no país. Porém, essa medida não apenas não funcionou, como alimentou ainda mais os protestos. Primeiro porque hackers continuavam enviando imagens e vídeos das manifestações para o resto do mundo, e segundo porque esta medida autoritária tornou a população ainda mais revoltosa e motivada a sair às ruas (PAVLIK, 2011).

Assim, no dia 25 de janeiro de 2011, milhares de pessoas se reuniram na praça Tahrir, no Cairo, transformando o local em símbolo da revolução. Aproximadamente dois milhões de pessoas, de todas as idades e gêneros e profissões ocuparam a praça Tahrir, tornando-a um modelo para as ocupações que ocorreriam no mundo nos meses seguintes (CASTELS, 2012).

Nos protestos da Primavera Árabe, o movimento passou do ciberespaço para o espaço urbano, com ocupação de praças e locais simbólicos. “Um espaço público híbrido, formado por redes sociais digitais e uma comunidade urbana recém criada estava no centro do movimento, como ferramenta de autorreflexão e afirmação do poder das pessoas. A impotência se transformou em empoderamento”. (CASTELLS, 2012, p.60).

Pavlik (2011) acrescenta que a utilização das mídias sociais nos levantes da Primavera Árabe e a sua rápida repercussão mundial, juntamente com a ideia de transparência passada pela cobertura online das manifestações, chamou a atenção do mundo e se tornou um modelo para levantes de outros países.

2.3 OCCUPY WALL STREET

A crise no sistema financeiro dos Estados Unidos, sobretudo do sistema imobiliário, que gerou falências, milhares de desempregados e reduções salariais, fez eclodir, em um local considerado como maior símbolo do capitalismo – a Wall Street, em Manhattan - uma onda de protestos, iniciados no dia 17 de setembro de 2011, que se espalharam por mais de 100 cidades nos Estados Unidos e 1500 cidades no mundo (CASTELLS, 2012).

Conforme a descrição do site Occupyallstreet.org, o objetivo do movimento é

lutar contra o poder corrosivo de grandes bancos e corporações multinacionais sobre o processo democrático e o papel de Wall Street na criação de um colapso econômico que causou a maior recessão em gerações. O movimento é inspirado por revoltas populares no Egito e na Tunísia, e tem como objetivo lutar contra o 1% mais rico de pessoas que estão escrevendo as regras de uma economia global que é injusta exclusão em nosso futuro. (OCCUPY, 2011).

O movimento foi convocado no dia 11 de setembro através de uma revista eletrônica chamada Adbusters, com a seguinte chamada:



Figura 1: Chamamento Occupy

Fonte: ADBUSTERS, 2011.

A mensagem do chamamento é a seguinte:

Vocês estão prontos para um momento Tahrir?

No dia 17 de setembro, inunde a baixa Manhattan, monte tendas, cozinhas, barricadas pacíficas e ocupe Wall Street.

E é acompanhada de um breve ‘manifesto’ do movimento Occupy:

Uma mudança mundial na tática revolucionária está em andamento agora mesmo, o que é um bom presságio para o futuro. O espírito desta nova tática, uma fusão de Tahrir com as acampadas da Espanha, é capturado nesta citação:

"O movimento antiglobalização foi o primeiro passo na estrada. Naquela época nosso modelo era atacar o sistema como uma matilha de lobos. Havia um macho alfa, um lobo que liderava o grupo, e os que seguiam atrás. Agora, o modelo evoluiu. Hoje somos um grande enxame de pessoas." (Raimundo Viejo, Barcelona, Espanha). A beleza desta nova fórmula, e que torna esta tática interessante, é a sua simplicidade pragmática: falamos uns com os outros em várias reuniões físicas e assembléias virtuais [...] Chegou a hora de implantar este estrategema emergente contra o maior corruptor da nossa democracia: Wall Street, a Gomorra financeira da América. Em 17 de setembro, nós queremos ver 20.000 pessoas inundar a baixa Manhattan, montar tendas, cozinhas, barricadas pacíficas e ocupar Wall Street por alguns meses. Uma vez lá, vamos repetir incessantemente uma demanda simples em uma pluralidade de vozes. [...] Exigimos que Barack Obama crie uma comissão presidencial encarregada de acabar com a influência que o dinheiro tem sobre nossos representantes em Washington. É a hora de a democracia não da CORPORATOCRACY, estamos condenados sem ela. Essa demanda parece atrair o humor nacional atual, porque limpar a corrupção em Washington é algo que todos os norte-americanos, direita e esquerda, anseiam e apoiam. Se mantivermos lá, 20.000 homens, semana após semana contra o esforço de cada polícia e Guarda Nacional para nos expulsar de Wall Street, será impossível para o Obama nos ignorar. Nosso governo será forçado a escolher publicamente entre a vontade do povo e do lucro das empresas. Este poderia ser o início de toda uma nova dinâmica social nos Estados Unidos [...]. Escreva um comentário e ajude a decidir qual será nossa demanda. E então vamos carregar a nossa coragem, arrumar nossas barracas e vamos com vontade para Wall Street no dia 17 de setembro.

Neste contexto de crescente ativismo, organizado pelas redes virtuais e que transcende o ciberespaço, outros grupos como o AmedStatus e o Anonymous também realizaram chamamentos à população e, no dia 17 de setembro mais de 1000 pessoas ocuparam a Wall Street (CASTELLS, 2012).

Após a primeira ocupação, várias cidades dos Estados Unidos aderiram ao movimento, todas sofrendo forte repressão da polícia. E, quanto mais violenta e arbitrária a ação da polícia, mais manifestantes iam aderindo, motivados pelos vídeos postados no Youtube e por relatos dos manifestantes nas redes sociais. No dia 27 de setembro, 2000 pessoas se reuniram em uma manifestação em Nova Iorque. No dia 01 de outubro, 5000 pessoas ocuparam a ponte do Brooklyn, e 700 pessoas foram presas. Em resposta a isso, no dia 5 de outubro o Occupy Wall Street, aliado aos sindicatos, fez um chamamento à população nas redes sociais e reuniu 15 mil manifestantes no Foley Square, baixa Manhattan (CASTELLS, 2012).

A partir daí, o movimento Occupy estava consolidado. Com a veiculação de notícias na internet, as ocupações iniciavam de forma espontânea, reunindo pessoas em diferentes locais, com diferentes idades, profissões e posições político-ideológicas. De acordo com Castells (2012) a extensão geográfica do Occupy refletiu sua difusão viral na internet. O movimento nasceu, se difundiu e se consolidou na internet, já que a maioria das ocupações criou sites e grupos nas redes sociais.

2.3 JORNADAS DE JUNHO NO BRASIL

As manifestações de junho de 2013 no Brasil, conhecidas como Jornadas de Junho, não surgiram do nada. Foram o resultado de anos de constituição dos novos movimentos sociais brasileiros, como o Movimento Passe Livre, os movimentos estudantis, os movimentos sem-teto, que entre lutas, ocupações e manifestações, foram se articulando em redes mais amplas (ROLNIK, 2013).

A seguir será abordado um pouco do histórico e dos objetivos do Movimento Passe Livre, que deflagrou as manifestações de junho de 2013 no Brasil.

2.3.1 O Movimento Passe Livre

O Movimento Passe Livre (MPL) foi criado em oposição à lógica da mercadoria que rege o sistema de transporte urbano da maioria das cidades do Brasil. Um sistema organizado de cima para baixo, no qual as empresas de transporte público são comandadas por grandes empresários, na maioria das vezes os próprios governantes, limitando assim o direito de ir e vir da população (MPL, 2013).

Pode se dizer que as manifestações do Passe Livre nasceram a partir de agosto de 2003, no que ficou conhecido como *Revolta do Buzu* em Salvador: uma série de protestos estudantis contra o aumento das passagens de transporte urbano, que reuniu em torno de 40 mil pessoas nas ruas, paralisando por completo a cidade. Mesmo sob forte repressão policial, e com a mídia tradicional contrária às manifestações, os estudantes fecharam as ruas por vários dias, exigindo uma atitude do poder público (PRONZATO, 2003).

A Revolta do Buzu formou uma dinâmica de protesto sem hierarquização, que escapava às formas de organização vistas anteriormente. A experiência foi relatada por veículos de mídia independente e tornou-se também um documentário, intitulado *Revolta do Buzu*¹. Este filme foi exibido em diversas cidades e tornou-se modelo para estudantes de todo o Brasil nas lutas que envolviam o transporte coletivo (MPL, 2013).

Inspirados pelas revoltas de Salvador, os estudantes de Florianópolis foram às ruas em junho de 2004 para lutar contra o aumento das tarifas em uma manifestação histórica que ficou conhecida como *Revolta da Catraca*. Foram dez dias de um movimento que paralisou a cidade, a juventude fechou as ruas, pulou catracas, fechou terminais e chegou a fechar a ponte de acesso da Ilha ao continente. A Revolta da Catraca fez o poder público revogar o aumento das tarifas em 2004. Em 2005, quando o governo anunciou um novo aumento, a Revolta se repetiu, com mais uma vitória (SOUSA, 2005).

Os protestos de Florianópolis serviram como base para a formação do Movimento Passe Livre no ano de 2005, que se oficializou em plenária nacional realizada em Porto Alegre, surgindo assim, “um movimento social de transportes autônomo, horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central”, conforme o estatuto do próprio MPL (MPL, 2013, p. 15).

O MPL, em seus dez anos de existência, se espalhou por diversas cidades do Brasil e mantém sempre a característica de utilizar os problemas da cidade como arma contra o próprio sistema que os gera. Em cidades onde o poder público prioriza o transporte individual, fechar um cruzamento, uma ponte ou uma avenida deixa a mobilidade urbana, que

já é caótica, à beira de um colapso. Neste processo, a população, que sofre as consequências da mercantilização da administração pública, se empodera da organização do seu próprio cotidiano (MPL, 2013).

2.3.2 Jornadas de Junho – Primeira Fase

Em junho de 2013, após mais um aumento das passagens de ônibus em diversas cidades do país, o MPL de São Paulo organizou manifestações que se propagaram por mais de 100 cidades de todo o país e desencadearam uma série de protestos que ficaram conhecidos como Jornadas de Junho.

No dia 6 de junho, tiveram início as manifestações em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Goiânia e em Natal. Nos primeiros dias, as manifestações contaram com aproximadamente 2000 pessoas nas ruas, um número considerado habitual para os protestos do MPL.

Desde o início das manifestações, a mídia tradicional mostrou-se contrária aos protestos, noticiando-os como um incômodo à cidade e até justificando a repressão policial. Porém, diferentemente dos protestos de anos anteriores, os manifestantes estavam agora conectados às redes sociais, portando smartphones e com meios suficientes para veicular nas redes versões diferentes à propaganda pela mídia. Neste contexto, jornalistas independentes, como a Mídia NINJA⁵, ganham destaque e se tornam uma das principais fontes de informação sobre as manifestações.

Apesar de ser necessário citar aqui a atuação da mídia nas manifestações, não se dará ênfase no assunto, pois o mesmo será analisado no mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

No dia 13 de junho, as manifestações de São Paulo foram marcadas pela intensa repressão policial, houve muitos manifestantes jornalistas que cobriam os protestos feridos e mais de 300 pessoas detidas, algumas delas *para averiguação*, apenas por participar dos protestos. Portar vinagre de cozinha, substância que ameniza os efeitos do gás de pimenta, também se tornou uma prática ilegal, motivo de diversas apreensões. Entre os feridos deste

⁵ A Mídia NINJA é uma rede de comunicadores independentes que ganhou grande visibilidade nas manifestações de junho no Brasil. A sigla NINJA significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. No capítulo 3 será abordado de forma mais detalhada este coletivo assim como outras formas de comunicação independente.

dia estava uma jornalista da Folha de São Paulo, que levou um tiro de bala de borracha no rosto, disparado pela Polícia Militar. Este acontecimento fez com que a imprensa, aos poucos, começasse a mudar seu posicionamento em relação às manifestações, como será visto no terceiro capítulo. O que começou com a insatisfação pelo preço das tarifas ganhou, em poucos dias, proporções muito maiores. Conforme Lincoln Secco (2013), professor do Departamento de História da USP, na dinâmica dos protestos de junho, a maior alteração registrada no número de manifestantes nas ruas foi causada pela violência da ação policial.

A repressão a jornalistas e a um movimento composto, em grande maioria, pela classe média, causaram na população, que acompanhava as manifestações pelas redes sociais, um sentimento de solidariedade pelo movimento. Assim, a juventude passou a experimentar uma nova forma de interação através das mídias sociais, já presentes no seu cotidiano, agora com fins não apenas de entretenimento, mas de mobilização social, e atendendo a uma demanda latente dos jovens, a de experimentar novas experiências no cenário político e midiático, que as mídias tradicionais não permitiam.

Esta tendência de utilização das redes sociais, aliada ao contexto em que o país se encontrava, com gastos milionários com a Copa do Mundo, corrupção na política, violência do Estado, desrespeito às liberdades individuais, insatisfação com a saúde e educação, levaram milhares de pessoas, com motivações, interesses e ideologias diferentes a ocuparem as ruas de mais de uma centena de cidades brasileiras.

2.3.3 Jornadas de Junho – Segunda Fase

A partir do dia 17 de junho as manifestações começaram a apresentar novas características: o número de pessoas nas ruas em todo o Brasil passou de milhares a milhões, os protestos passaram a ter cobertura em tempo real da maioria dos canais de televisão e o foco dos protestos deixou de ser apenas a questão do aumento das passagens e ganhou diversas outras pautas.

Em São Paulo mais de 250 mil pessoas ocuparam o Largo da Batata, a Marginal Pinheiros, a Avenida Paulista e outras importantes avenidas da cidade.

No Rio de Janeiro a Avenida Rio Branco foi ocupada por mais de 100 mil pessoas, enquanto helicópteros de diversas emissoras de televisão sobrevoavam o local, transmitindo o dia histórico em que *o gigante acordou*. Esta expressão foi fortemente utilizada pela mídia e

redes sociais para se referir ao fato do Brasil, sempre mencionado como país de um povo pacífico e até acomodado, ter “acordado” para os problemas sociais e políticos e saído às ruas.

As manifestações deste dia foram, em sua maioria, pacíficas e com um caráter até festivo. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, as pessoas cantavam o hino nacional nas ruas, pintavam o rosto de verde-amarelo e carregavam cartazes com frases tiradas das redes sociais, com pautas não apenas relacionadas ao transporte coletivo, mas abordando temas como educação, saúde, corrupção, entre outras.

Na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, houve chuva de papel picado, distribuição de flores aos policiais e projeções de mensagens nos edifícios, com assuntos das redes sociais e frases como “O gigante acordou”. O apoio popular foi massivo e mesmo quem não saiu às ruas demonstrava aprovação à manifestação piscando as luzes dos prédios.

Neste dia, como será visto detalhadamente no capítulo três, também começou a ser propagada pela mídia a ideia de uma divisão entre os *bons manifestantes*, que saíam às ruas para um protesto pacífico, com o rosto pintado e carregando bandeiras do Brasil e os *vândalos*, uma minoria que escondia o seu rosto com máscaras e depredava lojas, bancos e órgãos públicos, a qual deveria ser reprimida pela polícia.

Após a concentração na Avenida Rio Branco, a parte *pacífica* dos manifestantes voltou para suas casas e a parte considerada pela mídia como *vândala*, prosseguiu para tentar ocupar a Assembleia Legislativa (ALERJ), onde houve um grande confronto com a polícia.

No dia 20 de junho, os protestos foram intensos em Brasília, onde os manifestantes ocuparam importantes locais do governo, como a Esplanada dos Ministérios e o Palácio Itamaraty. Houve grande repressão por parte da polícia e alguns locais simbólicos, como fachadas de prédios, a escultura Meteoro e a Catedral, foram apedrejados, pichados ou queimados pelos manifestantes.

Na manifestação na Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, que reuniu mais de 300 mil pessoas, percebeu-se claramente a mudança que o movimento havia sofrido. Agora não apresentando mais uma pauta, mas sim uma pluralidade imensa de pautas, misturavam-se em um único local grupos de movimentos estudantis, grupos que lutavam pelos direitos LGBTTTs, a favor do aborto, grupos religiosos, movimento negro, grupos feministas, anarquistas, nacionalistas, entre tantos outros.

A ideia de manifestação pacífica e de repressão chegou ao extremo e os próprios manifestantes delatavam os supostos vândalos à polícia. Os que defendiam uma manifestação sem lideranças e partidos políticos também chegaram ao extremo, e muitas pessoas que portavam bandeiras de partidos políticos, sempre presentes nas manifestações do Passe Livre, eram agredidas ou expulsas pelos manifestantes “pacíficos”, que apresentavam um comportamento bastante autoritário e repressivo.

O dia 20 de junho foi o ápice das Jornadas de Junho, agora com o apoio das mídias tradicionais, reunindo mais de 1,5 milhão de pessoas nas ruas por todo o país. Após a revogação do aumento da passagem na maioria das capitais e com a assinatura de um pacto, pela Presidente Dilma, governadores e prefeitos, que definiria ações para melhoras nos serviços públicos, as manifestações começaram a diminuir em todo o país.

No Rio de Janeiro, porém, a ação da Polícia Militar no dia 20 de junho ignorou a ideia de bons manifestantes, agredindo com gás lacrimogêneo, spray de pimenta e balas de borracha, não só as pessoas que participavam da manifestação, como também pessoas que transitavam pelas ruas do Centro do Rio e clientes de bares e restaurantes.

Esta atitude da polícia repercutiu nas redes sociais a partir do relato de jornalistas independentes e fez com que, mesmo após a revogação do aumento das passagens e o esfriamento dos protestos pelo país, as manifestações no Rio de Janeiro prosseguissem, mais espaçadamente e com diversas motivações, por todo o ano de 2013.

Estes três exemplos de movimentos sociais citados anteriormente - A Primavera Árabe, o Occupy Wall Street e as Jornadas de Junho - têm em comum, de acordo com o filósofo Slavoj Žižek (2013), o fato de que nenhum deles pode ser resumido a uma única questão, pois todos lidam com uma combinação de fatores econômicos e político-ideológicos que vão desde a luta pela democracia, a luta contra regimes autoritários, contra o racismo, a xenofobia e o sexismo, contra o neoliberalismo, contra a corrupção na política e na economia ou pelas liberdades individuais, o que é uma característica dos movimentos sociais ocorridos na sociedade em rede.

Sabendo da importância da comunicação na sociedade em rede, e conseqüentemente, nestes novos movimentos sociais, o próximo capítulo abordará com mais profundidade o cenário contemporâneo da comunicação e seus processos, assim como a relação das pessoas com a mídia neste novo contexto.

3. COMUNICAÇÃO DE MASSA

Os estudos tradicionais sobre comunicação conceituam comunicação de massa como um processo industrializado de produção e distribuição de mensagens, por meio de veículos mecânicos, ao vasto público da massa social, com o objetivo de informá-la, educá-la, entretê-la ou persuadi-la (BELTRÃO E QUIRINO, 1986).

Neste sentido, Adorno (1978), afirma que na sociedade industrial os meios de comunicação de massa têm a função de distribuir e reproduzir a ideologia da classe dominante, ou seja, funcionam como um veículo de dominação. Na perspectiva do autor, é difícil conceber a mídia como veículo de transformação ou desenvolvimento social.

O termo *mass media*, que se introduziu para designar a indústria cultural, desvia, desde logo, a ênfase para aquilo que é inofensivo. Não se trata nem das massas em primeiro lugar, nem das técnicas de comunicação como tais, mas do espírito que lhes é insuflado, a saber, a voz de seu senhor. A indústria cultural abusa da consideração às massas para retirar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada a priori e imutável. É excluído tudo pelo que essa atitude poderia ser transformada. As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar. (ADORNO, 1978, p. 93).

Nos estudos tradicionais sobre comunicação de massa, o processo de comunicação é concebido como um fluxo unidirecional, onde o emissor formula a mensagem, a propaga por meio de instrumentos ou aparelhos técnicos de forma pública, indireta e unilateralmente, e o receptor (audiência) a recebe. Neste sentido, quem possui hegemonia sobre os instrumentos ou aparelhos técnicos para difusão das mensagens alcança um controle ideológico, através do monopólio de poder (BORDENAVE, 1997).

Adorno (1978) complementa que, através destas medidas de controle, os detentores do poder na indústria cultural são capazes de reorientar as massas e impor-lhes formas de comportamento, conforme a ideologia dominante. E mesmo que as mensagens propagadas por estas organizações possam ser *inofensivas*, o comportamento transmitido por elas não é nada inofensivo, pois este comportamento impede que o indivíduo possua a autonomia e a capacidade de julgar e decidir conscientemente.

Em relação ao termo massa, Martín-Barbero (2013) efetua uma análise do conceito e de sua aplicação, no decorrer da história, nos países latinoamericanos. O autor aponta que, durante o período populista, nos anos 1930, o massivo designava a irrupção das massas na

cidade, e os meios de comunicação de massa eram o cinema e o rádio, por serem mais acessíveis aos públicos não-letrados. Já a partir da década de 1960, nos *anos de desenvolvimento*, o termo massa passa a designar apenas os meios de homogeneização e controle das massas, e a massificação passa a ser detectável mesmo onde não há massas. O papel dos meios de comunicação deixa de ser tanto o de mediar relações (Estado-povo, rural-urbano) e passa a ser mais o de simular e desativar essas relações, seguindo a tendência que a sociedade estava assumindo, onde os objetivos não correspondem às demandas e o desenvolvimento se mede não pela infraestrutura e qualidade de vida da população, mas pelo número de antenas de televisão nos bairros.

Assim, na América Latina, os estudos tradicionais sobre comunicação foram traçados a partir de um modelo hegemônico, que apresentou duas etapas na sua formação, conforme relata Martín-Barbero (2013). A primeira, que pode ser chamada de etapa *ideologista*, surgiu a partir da década de 1960 e concentrou seus objetivos em analisar e denunciar as estratégias pelas quais a ideologia dominante penetra nas mensagens provocando determinados efeitos no receptor. Neste modelo os meios de comunicação eram vistos como meras ferramentas de ação ideológica, maléfica nas mãos da burguesia, mas que poderiam ser benéficas nas mãos do proletariado. Este modelo, bastante apocalíptico, impedia de analisar qualquer outra coisa no processo de comunicação além dos “rastros do dominador”. Nunca uma análise sobre a recepção, sobre o conflito, resistência ou sedução, apenas a passividade e alienação do receptor.

A segunda etapa, denominada *cientificista*, tinha base no modelo informacional e via a importância do processo de comunicação na sua matéria prima, a informação, e não apenas na circulação. Este modelo deixa de fora questões como as condições sociais de produção de sentido, as disputas de poder na produção, no acúmulo e na distribuição de informação, bem como a análise das lutas pela hegemonia (MARTÍN-BARBERO, 2013).

Estes conceitos tradicionais sobre a comunicação de massa que concebem o processo de comunicação como um circuito linear – emissor, mensagem e receptor – onde a recepção é passiva e ocorre ao final do processo, mostram-se limitados e têm recebido muitas críticas por diversos teóricos, principalmente os ligados aos Estudos Culturais, apontando a necessidade de um novo paradigma.

3.1 NOVOS PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO

Entre os principais pontos de contestação às concepções tradicionais, responsáveis por uma mudança nos estudos comunicacionais, estão a linearidade da estrutura do modelo de comunicação, o fato deste modelo não conceber o processo na sua complexidade de relações e por se concentrar apenas na troca de mensagens.

Conforme Stuart Hall, o novo paradigma da comunicação passa, primeiramente, por considerar as diferentes formas de recepção das mensagens da mídia pela audiência e por romper com algumas ideias limitadoras do modelo tradicional. Seriam elas: a ideia de dominação através dos meios de comunicação de massa, nos termos de estímulo-resposta; o reconhecimento de que os textos da mídia são suportes transparentes do significado, não considerando as entrelinhas; a ideia de uma audiência passiva e homogênea, e uma percepção monolítica de cultura de massa (SILVA, 2000).

No cenário atual da comunicação, surge o conceito de *cultura da convergência*, que envolveria uma transformação tanto no modo de produzir, como no de consumir os artefatos midiáticos, ocorrendo também quando as pessoas tomam o controle das mídias e passam a utilizá-las para fins não apenas de entretenimento, exigindo maior participação cultural e política. Neste novo contexto, há um contraste com as noções mais antigas de passividade do receptor. Ao invés de se pensar os produtores e os consumidores de mídia como pertencentes a lados opostos, pode-se agora considerá-los como participantes que interagem de acordo com um novo paradigma em uma mesma arena (JENKINS, 2009).

Para Hall (2013) pensar o processo de comunicação como um circuito complexo e contínuo - produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução – parece mais útil na atualidade, baseando seu argumento no modelo marxista de produção de mercadorias – produção/distribuição/produção.

O processo, desta maneira, requer, do lado da produção, seus instrumentos materiais – seus “meios”, bem como, seus próprios conjuntos de relações sociais (de produção) - a organização e produção de práticas dentro dos aparatos de comunicação. Mas é sob a forma discursiva que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. (HALL, 2013, p.429).

Neste processo, o consumo, como propõe Martín-Barbero (2013, p. 292) não é apenas como uma reprodução de forças, mas também produção de sentido, ou seja, o “lugar de uma

luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais”.

Para os teóricos dos Estudos Culturais, como Hall (2013) e Orozco (1991), é a esfera cultural que orienta o posicionamento das audiências frente às mensagens dos meios de comunicação de massa. E estas audiências não podem ser consideradas como massas homogêneas que recebem de forma passiva as mensagens dos meios de comunicação. Para estes autores, as audiências são múltiplas e fragmentadas e as mensagens recebidas são permeadas pelas experiências culturais de cada indivíduo.

É a partir do momento de encontro dos meios de comunicação com a audiência, ou seja, na mediação, onde ocorre a negociação entre os significados preferenciais do emissor e os significados, que as audiências podem produzir (OROZCO, 1991).

Originalmente o conceito de mediação se referia à forma com que os emissores, ou seja, os meios de comunicação de massa transmitiam as mensagens ao público. A partir das teorias culturalistas da década de 1980, o conceito de mediação muda seu foco original, passando a ser compreendido como um processo de interação entre meios de comunicação e audiências (OROZCO, 1991).

Desta forma, se é no momento de mediação em que ocorre uma negociação entre meios de comunicação e audiência, é lá que reside a possibilidade de manipulação ou emancipação da audiência, sendo assim, esta não pode ser considerada apenas como passiva. O que pode ocorrer, sim, é que quanto maior a exposição às mensagens hegemônicas dos meios de comunicação, maior a probabilidade de a audiência ter como referente as próprias mensagens hegemônicas no momento da negociação (OROZCO, 1991).

O que define a submissão ou emancipação da audiência é a sua capacidade criativa, ou seja, a de criar sentido, e isto ocorre através dos processos de negociação estabelecidos com os meios. O valor do sentido criado não reside em sua autenticidade, mas na sua representatividade sociocultural, na capacidade de materializar e de expressar as ideias da audiência, que filtra e reorganiza o que vem da cultura hegemônica, produzindo um novo sentido (MARTÍN-BARBERO, 2013).

Pensando ainda na questão da recepção, pode-se traçar um paralelo com as complexas relações entre a cultura popular e a hegemônica citadas por Martin-Barbero (2013, p. 114), que a partir da ótica gramsciana, afirma que “nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não o é de resistência, e que nem

tudo que vem ‘de cima’ são valores da classe dominante, pois há coisas que, vindo de lá, respondem a outras lógicas que não são as da dominação”.

As teorias atuais sobre comunicação rompem com a ideia de total passividade e submissão da audiência, e com o pressuposto de que esta audiência forma uma massa acéfala e homogênea, que se comporta como um zumbi frente aos meios de comunicação, propondo um cenário onde se considera a negociação e não apenas a dominação. Porém, também não é questão de passar para o outro extremo e ignorar a capacidade de articulação para manutenção do poder que os meios de comunicação possuem.

Martín-Barbero (2013) sugere pensar os processos entre os meios de comunicação de massa e as audiências não simplesmente como um processo de dominação-submissão, mas a partir do conceito de hegemonia de Gramsci, que propõe:

Pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir do exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemônica, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E ‘na medida’ significa que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação o sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 112).

Neste ponto, então, o autor vai de encontro às teorias tradicionais abordadas anteriormente, como as de Adorno (1978), que concebe os meios de comunicação como meios de reprodução da ideologia da classe, ou seja, como veículos de dominação e de propagação de uma *falsa consciência*.

Corroborando com Barbero, Hall (2013, p. 397) afirma: “Nunca fui muito atraído pela noção de ‘falsa consciência’ em toda a sua plenitude. Sempre pensei que existe algo profundamente inquietante e errado nela, inclusive pelo fato de que ninguém se confessa em falsa consciência: é sempre o outro”. E também recorre à noção de hegemonia de Gramsci, complementando que uma tentativa ‘bem-sucedida’ de hegemonia é quando uma mensagem é compreendida pela audiência somente da forma que foi pretendida pelo emissor, ou seja, através de uma leitura preferencial.

Para o autor, a leitura preferencial seria a forma determinada com que a mídia quer que o receptor leia uma mensagem, ou seja, o exercício de poder dos meios de comunicação, com o objetivo de hegemônizar a leitura da audiência. Em outras palavras, “a tentativa de amarrar a mensagem a um significado” (HALL, 2013, p. 412).

Neste sentido, o poder não está apenas no controle dos meios de comunicação, mas na tentativa de se infiltrar nas mensagens e, conseqüentemente, nas leituras dos receptores (HALL, 2013), ou, conforme Benjamin (1994), no modo como a indústria cultural se inscreve na experiência popular e a transforma.

Porém, dada a multiplicidade da cultura e das diversas leituras que o receptor pode empreender, esta tentativa de hegemonização nem sempre é eficaz. No tópico seguinte será realizada uma análise mais detalhada sobre a recepção das mensagens pela audiência, com ênfase nas mensagens televisivas, já que é através da televisão que os meios de comunicação constroem suas formas mais bem-sucedidas de hegemonia.

3.2 ESTUDOS SOBRE RECEPÇÃO E AUDIÊNCIA TELEVISIVA

Em relação ao conceito do que é a televisão, Orozco (1991) ressalta que ela é, ao mesmo tempo, um meio técnico de comunicação e uma instituição social. É esta a dualidade que a diferencia e pode colocá-la em papel superior, tanto de outros meios técnicos, como o telefone, quanto de instituições sociais, como a Igreja. Outra característica que o autor ressalta é que, graças a sua tecnologia, a televisão é capaz de conceder verossimilhança ao seu discurso e apelar para a emotividade da audiência. Essas características reforçam a dualidade inicial e tornam seu discurso mais crível através de argumentos racionais e apelos emocionais.

Sobre a capacidade de verossimilhança do discurso, Hall (2013) aponta a complexidade do signo televisivo, por este ser composto de uma junção de discursos, o visual e o auditivo, e apresentar um caráter icônico devido a sua semelhança com a coisa representada. Os signos icônicos são codificados como qualquer outro tipo de signo e a aparente fidelidade da representação da *coisa* na televisão é resultado de uma prática discursiva.

Esta mistura de uma linguagem visual e auditiva em movimento que permite, aparentemente, a representação da realidade com alta fidelidade e a capacidade de tornar o receptor *testemunha ocular* dos fatos, possibilitada pela tecnologia, não é um recurso meramente técnico, torna-se um recurso discursivo responsável pelo poder legitimador da televisão (OROZCO, 1991).

A linguagem audiovisual, igual aos demais tipos de linguagem, requer códigos. A diferença em relação às outras linguagens, como a escrita, apóia-se no fato de os códigos de percepção visual terem uma base material mais difundida do que a linguagem escrita, e

requererem um menor esforço e aprendizado para serem compreendidos. “O signo linguístico vaca não possui nenhuma das propriedades da coisa representada, ao passo que o signo visual parece possuir algumas dessas propriedades” (HALL, 2013, p. 436).

Os recursos de filmagem, os elementos sonoros e o trabalho de edição contribuem para a construção de significado do discurso televisivo; neste sentido, a televisão não reproduz a realidade, mas produz uma maneira particular de captar e perceber a realidade. E esta produção de notícias conta com a intencionalidade e os condicionamentos concretos do emissor (OROZCO, 1991).

Uma característica que legitima o discurso televisivo é a capacidade de ocultar a codificação da realidade, o que por sua vez incide no alto grau de denotação do seu discurso. Porém, a onipotência da televisão é relativa, já que os seus códigos são polissêmicos, ou seja, podem ser lidos de múltiplas maneiras pela audiência (OROZCO, 1991).

Entendendo aqui leitura conforme a proposta de Beatriz Sarlo, que a define como uma “atividade por meio da qual os significados são organizados num sentido” (SARLO, Apud MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 293), Martín-Barbero (2013, p. 293) propõe tratar uma mensagem como um “espaço globular perpassado por diversas trajetórias de sentido” e afirma que na leitura, ou seja, na recepção de uma mensagem, assim como no consumo, não existe apenas reprodução, mas há também produção, uma produção questionadora da centralidade atribuída ao sentido preferencial do emissor como lugar de verdade.

O caráter polissêmico da mensagem televisiva é, ao mesmo tempo, relativizador de sua onipotência, mas também o responsável pela variedade de audiências que a televisão pode atingir. E isto não ocorre de forma linear e direta, mas sim de forma multimedida. (OROZCO, 1991).

Hall (2013) identificou três situações hipotéticas a partir das quais um discurso televisivo pode ser interpretado. A primeira seria a posição *hegemônico-dominante*, em que o telespectador se apropria do sentido conotado de forma direta e integral e decodifica a mensagem conforme os códigos referenciais nos quais ela foi codificada. A segunda seria uma posição *negociada*, na qual a audiência reconhece a legitimidade do que foi definido de maneira dominante, mas negocia o sentido da mensagem conforme suas condições particulares. Por fim, a posição de *oposição* ocorre quando o telespectador entende e reconhece a proposta dominante da mensagem e se posiciona de maneira globalmente contrária a ela.

É nesta última situação em que as grandes organizações de comunicação entram em crise e as mensagens que antes eram interpretadas de maneira negociada começam a ser contestadas, iniciando-se uma luta pelo discurso.

Pensar nos processos de comunicação na atualidade e na forma de recepção das mensagens pela audiência é pensar na estrutura da sociedade. Os meios de comunicação não são exteriores ao sistema sociocultural, eles fazem parte do sistema e contribuem ativamente para sua reprodução. Desta forma, para compreender a comunicação na atualidade é importante pensar nos processos de globalização, nas redes e na passagem de uma comunicação *mass media* para uma comunicação *multimedia* (OROZCO, 1991).

O tópico seguinte irá discorrer acerca destes assuntos, com foco no processo de convergência midiática e nas mudanças ocorridas no âmbito da relação da audiência com os meios, proporcionada principalmente pelo surgimento da Internet.

3.3 CONVERGÊNCIAS MIDIÁTICAS, CIBERCULTURA E MIDIALIVRISMO

Um dos fatores responsáveis pela necessidade de se pensar o modelo de comunicação a partir de outros paradigmas é, sem dúvida, o advento da Internet e as mudanças ocorridas na sociedade, principalmente nas formas de relacionamento com as mídias que os indivíduos estabeleceram após o seu surgimento.

As primeiras teorias sobre a revolução digital apresentavam um discurso bastante apocalíptico e viam a convergência como algo que extinguiria os antigos meios de comunicação. George Gilder (1990, apud JENKINS, 2009), por exemplo, considerava a internet não como algo que transformaria a cultura de massa, mas como algo que a destruiria. Porém, ao contrário disso, o que se compreende na atualidade como convergência é um cenário no qual os novos meios de comunicação convivem com os antigos, transformando-se mutuamente.

Jenkins (2009, p. 41) utiliza o modelo de meios de comunicação proposto pela historiadora Lisa Gitelman, para explicar porque, mesmo com as novas tecnologias, um meio de comunicação não desaparece. Este modelo utiliza dois níveis:

no primeiro, um meio é uma tecnologia que permite a comunicação; no segundo, um meio é um conjunto de 'protocolos' associados ou práticas sociais e culturais que cresceram em torno dessa tecnologia. Sistemas de distribuição são apenas e simplesmente tecnologias; meios de comunicação são também sistemas culturais.

Tecnologias de distribuição vêm e vão o tempo todo, mas os meios de comunicação persistem como camadas dentro de um estrato de entretenimento e informação cada vez mais complicado.

Este modelo explica porque um meio de comunicação estabelecido pode transformar seu conteúdo, e mesmo modificar seu público e status, mas se ele ainda satisfaz as demandas sociais, ele não é eliminado, ele se transforma. É este o momento que se vive na atualidade, um período de transição midiática, onde as velhas e novas mídias, as grandes organizações e a mídia alternativa, os produtores e consumidores, interagem e disputam poderes, buscando estabilizar-se no sistema (JENKINS, 2009).

Jenkins (2009) descreve convergência como um fluxo de conteúdos que circulam através de diversas plataformas de mídia, em um mercado midiático que interage entre si e com os consumidores, que por sua vez migram constantemente em busca de novas experiências. A convergência é, neste sentido, um processo constante de transformações e tensões.

A internet apresenta-se como um espaço de experimentação e inovação, onde os indivíduos podem produzir, de forma independente, conteúdos ou novas formas de produção de comunicação que atraiam outros internautas, criando seguidores. Os meios de comunicação tradicionais, por vezes, inspiram os usuários da Internet a criar esses conteúdos, e noutras ocasiões se inspiram nos conteúdos criados por estes usuários, apropriando-os e reformulando-os (JENKINS, 2009).

Porém, a convergência não apresenta apenas aspectos positivos. Ela permite, sim, que as pessoas tomem o controle das mídias e as utilizem das mais variadas formas, como por exemplo, para a mobilização social. Mas, a convergência também permite que um pequeno grupo de conglomerados domine, de uma só vez, todos os setores da indústria de comunicação e entretenimento. Esta é uma característica da sociedade em rede, apresentada por Castells (2005), quando o autor afirma que a convergência não pode ser vista apenas como algo libertador, já que é constituída por um sistema oligopolista de negócios multimídia.

Por outro lado, as redes digitais permitem práticas alternativas de comunicação e movimentos colaborativos de contracultura. Apesar de estas práticas terem se tornado mais visíveis nos últimos anos, elas existem desde o surgimento da Internet.

A Internet foi criada em 1969 como um meio de transporte de informações científicas, financeiras e militares, atendendo principalmente a instituições políticas e militares e a universidades. Porém, desde seu início, despertou interesse de diferentes movimentos e poderes, surgindo assim os *hackeadores* da rede, fazendo dela um meio de socialização e

comunicação alternativo, sem intermédio das grandes instituições. Em 1984, com a nomeação da rede mundial de computadores de *Protocolo Internet*, a rede passa a abranger diferentes classes – pesquisadores, ativistas da contracultura, militares, empresários – surgindo assim a ideia de *ciberespaço*, como um “território virtual de trocas, ação coletiva e produção comum de linguagens” (MAILINI E ANTOUN, 2013, p. 19).

A Internet inicia seu processo de popularização em um contexto político mundial de bipolaridade e de regimes autoritários, que provocam diversos movimentos contestatórios e lutas antidisciplinares. Assim, surgem novas formas de ativismo, os *ativismos midiáticos*, os *midialivrismos*, divididos, basicamente, em duas vertentes, o *de massa* e o *ciberativismo* (MAILINI E ANTOUN, 2013).

O *midialivrismo de massa* busca liberar-se do controle dos meios de comunicação de massa e produzir mídias comunitárias e populares, principalmente através do rádio, imprensa alternativa e de experiências de movimentos sociais organizados (MAILINI E ANTOUN, 2013). No período da Ditadura Militar no Brasil, por exemplo, devido aos oligopólios da comunicação e à censura exercida pelo regime, diversas práticas de midialivrismo foram desenvolvidas, como rádios comunitárias, jornais alternativos, fanzines, entre outras.

O *midialivrismo ciberativista* busca radicalizar os direitos fundamentais, principalmente o da liberdade de expressão, e utiliza o ciberespaço como um ambiente virtual e participativo para discussão de ideias e mobilização de ações coletivas na rede (MAILINI E ANTOUN, 2013).

Tem-se como marco do surgimento das novas mídias e do ciberativismo a chamada Batalha de Seattle, ocorrida em 1999, na cidade de Seattle. As manifestações eram contra a reunião da Organização Mundial do Comércio, ocorrida naquele momento na cidade e os manifestantes, entre eles anarquistas, pacifistas, estudantes, ecologistas e trabalhadores, tinham várias motivações, principalmente contrárias ao neoliberalismo. A Batalha de Seattle ficou mundialmente conhecida pelo envolvimento das novas mídias, com destaque para a Independent Media Center (IMC), sua principal fonte de notícias. Esta nova mídia surge a partir da união da política de ação direta dos novos activismos, com a capacidade descentralizadora dos sistemas hipermídia e da interatividade proporcionada pelo ciberespaço (MAILINI E ANTOUN, 2013).

O IMC foi criado em 1999, com o propósito de oferecer uma cobertura jornalística dos protestos de Seattle e se propunha a fazer uma cobertura minuto a minuto, usando um sistema de edição aberta e disponibilizando textos, fotos e vídeos no seu site. Como resultado desta

cobertura, o movimento produziu materiais como documentários, jornais e livros, que foram distribuídos para todo o mundo e o site, que atingiu mais de dois milhões de conexões, se tornou referência, multiplicando-se em escala global. (MAILINI E ANTOUN, 2013).

O poder coletivo proporcionado pela convergência midiática, que inicialmente foi utilizado para fins recreativos, a partir da Batalha de Seattle ganhou um novo papel. O que foi visto nas manifestações dos últimos anos, como na Primavera Árabe, no Occupy Wall Street e nas manifestações de junho no Brasil foi a consolidação das novas mídias como veículo, também, de mobilização social.

Diferentemente da imprensa tradicional, a cobertura colaborativa é produzida de forma descentralizada. Ela não busca dar uma visão panorâmica dos fatos, mas sim uma visão instantânea, testemunhal e espontânea. A Mídia Ninja (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação), uma das principais responsáveis pela cobertura colaborativa das manifestações ocorridas no Brasil em 2013, fez emergir e deu visibilidade aos espectadores que participavam ativamente dos protestos produzindo, discutindo e compartilhando conteúdo sobre as manifestações em tempo real. “O midialivrisimo e o midiativismo se encontram numa linguagem e experimentação que cria outra partilha do sensível, experiência no fluxo e em fluxo, que inventa tempo e espaço, poética do descontrole e do acontecimento”. (MAILINI E AUNTON, 2013, p. 15).

Mailini e Auntoun (2013) denominam os midialivristas, como o Mídia Ninja, como *hackers de narrativas*, indivíduos que criam narrativas sobre os acontecimentos sociais que destoam das narrativas hegemônicas dos grandes meios de comunicação de massa. Essas narrativas transformam-se em ruídos no sentido das mensagens propagadas pelos meios de comunicação e ao serem compartilhadas oferecem uma visão conflitiva da visão preferencial dos grandes meios.

A Mídia NINJA é aberta à participação de qualquer indivíduo e surgiu em março de 2013, a partir da iniciativa de um coletivo que desenvolve produções culturais e de mídia livre desde 2006, o Fora do Eixo, com o objetivo de comunicar sem intermédio das grandes organizações, rompendo com o falso mito da imparcialidade do jornalismo e apostando na criação colaborativa e compartilhamento de conteúdo, característica da sociedade em rede. (NINJA, 2014). “Não há qualquer pretensão no midialivrisimo de ser mediador de algo ou alguém, senão radicalizar o princípio da *ação direta* que caracteriza a Internet. Ou seja: que cada subjetividade se arrisque a produzir seu movimento na rede”. (MAILINI E AUNTON, 2013, p. 24).

Essas iniciativas midialivristas passaram a influenciar também nos meios tradicionais, buscando atender as demandas da audiência por uma mídia mais interativa. É possível citar como exemplo desta iniciativa de busca dos grandes portais por um jornalismo mais participativo o caso do Yo, Periodista (El País), do Eu Repórter (O Globo) e do I Report (CNN). Este cenário apresenta, inicialmente, aspectos positivos e negativos às grandes corporações: positivos, porque incorporando o cidadão na produção de notícias, aumenta-se o diálogo com a audiência e torna-se o jornal mais elástico e agregador; negativos, porque permitindo uma pluralidade de vozes, diminui-se o poder do jornal como formador de opinião. (MAILINI E AUNTOUN, 2013). Porém, este segundo aspecto também pode ser pensado como positivo; primeiramente, porque mesmo os setores participativos dos portais contam com uma edição (postagens em desacordo com as políticas de publicação do portal podem ser descartadas, portanto); e em segundo lugar, pois, ao dar espaços às *múltiplas vozes*, o portal nada mais está fazendo do que legitimar sua imagem perante o público como uma *fonte imparcial* de notícias, colaborando assim para que seu discurso preferencial seja recebido hegemonicamente.

Jenkins (2009) afirma que convergência e divergência são dois lados do mesmo fenômeno e essas contradições podem ser observadas no cenário atual da comunicação. As mídias tradicionais e as novas mídias interagem e se articulam, transformando-se mutuamente, numa constante luta de poder. No próximo capítulo será feita uma análise deste processo de convergências e divergências no discurso das novas mídias e mídias tradicionais, tomando como foco o conteúdo sobre as manifestações de 2013 no Brasil produzido pela Mídia Ninja e pelo Jornal Nacional, da Rede Globo.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para mapear o processo de convergência e divergência midiática nas manifestações de 2013 no Brasil, tomou-se como foco o material produzido pela Rede Globo, através do Jornal Nacional e do portal de notícias G1 e a cobertura independente da Mídia Ninja, através do Facebook e Twitcasting.

Optou-se por analisar a cobertura das manifestações realizada pela Rede Globo porque ela é hegemônica no Brasil e o Jornal Nacional é o telejornal que apresenta maior audiência no país (IBOPE, 2014).

A Mídia Ninja foi escolhida para análise porque é o grupo de mídia independente que ganhou maior destaque no Brasil durante as manifestações, passando de 20 mil seguidores no Facebook no início de junho para mais de 100 mil seguidores ao final do ano e, por ser o grupo de maior destaque, ele também converge mais com o *mainstream*.

Tendo iniciado em São Paulo e no Rio de Janeiro, as manifestações de junho se propagaram na maioria das capitais do país. Porém, como é necessário um recorte para a realização da análise, optou-se pela cidade do Rio de Janeiro. Esta escolha deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que a pesquisadora reside e participou das manifestações no Rio de Janeiro e também porque devido aos acontecimentos na cidade no ano de 2013 (Copa das Confederações, visita do Papa Francisco, violência policial, entre outros) os protestos não se limitaram ao mês de junho, prolongando-se até o final do ano.

Como recorte temporal delimitou-se o período de junho a outubro, porque até este mês as manifestações ocorreram quase que ininterruptamente. O mês de outubro teve grande importância devido às manifestações pela greve dos professores, que ganharam repercussão nacional, deflagrando manifestações “em solidariedade” à causa em São Paulo. Outubro foi escolhido como limite para a análise, porém, é importante frisar que as manifestações não terminaram em 2013 e deixaram seus rastros até os dias atuais.

O objetivo desta análise é identificar o processo de convergência que a sociedade está vivendo e como ele se reproduz na atuação da mídia, a partir da cobertura das manifestações de 2013 realizada pela Mídia Ninja e Jornal Nacional.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização da análise da cobertura da Mídia Ninja foi feita uma varredura de todo o conteúdo postado sobre as manifestações na página do Facebook da Mídia Ninja de 6 de junho a 8 de outubro. No Twitcasting a Mídia Ninja disponibilizava os vídeos da cobertura em tempo real, desta forma, não é possível assistir a todos os vídeos, apenas aos vídeos gravados.

Já os vídeos do Jornal Nacional, foram assistidos através do portal de notícias G1, que disponibiliza um acervo de todas as edições do JN. No G1 também buscaram-se notícias do portal sobre as manifestações.

Após a pesquisa do material, o mesmo foi organizado e dividido de acordo com as características da abordagem das notícias em cada período e exposto na forma de uma narrativa dos protestos, onde se confrontam as coberturas realizadas pela Mídia Ninja e pelo Jornal Nacional, como pode ser visto a seguir.

4.2 AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 NO BRASIL DE ACORDO COM A MÍDIA NINJA E O JORNAL NACIONAL

Nos primeiros dias de manifestações contra o aumento das passagens de transporte coletivo (06 a 13 de junho), as mídias tradicionais noticiavam as manifestações como tumulto, um incômodo à cidade, reforçando sempre a ideia da destruição causada pelos manifestantes e do medo da população. A polícia, neste momento, aparece como a única alternativa para a volta à normalidade, e eventuais excessos de violência apontados pelo noticiário são apontados como uma *necessidade*.

Do dia 06 ao dia 13 de junho o Jornal Nacional apresentou, diariamente, reportagens sobre as manifestações em São Paulo e Rio de Janeiro, onde eram comuns trechos como: “Manifestantes entram em confronto com polícia de SP” (06/06), “Protesto contra aumento de passagens causa nova confusão em São Paulo” (07/06), “polícia teve que jogar bombas de gás” (07/06), “a manifestação de ontem assustou os moradores” (07/06), “o vandalismo

assustou quem trabalha na região” (07/06), “avenida mais famosa de SP ficou irreconhecível” (07/06), “o protesto [...] está causando tumulto no centro do rio” (10/06), “houve muita tensão e confronto durante a tarde [...], os lojistas fecharam as suas portas, ficaram com muito medo, houve confronto, entre os manifestantes e a polícia que reagiu com bombas de gás, balas de borracha, ônibus foram pixados, muito lixo queimado nas ruas” (11/06), “segundo a PM 8 policiais ficaram feridos e nem os ônibus escaparam de um protesto que era pelo transporte público” (12/06).

Os apresentadores do telejornal anunciam a notícia e chamam o repórter ao vivo, que cobre a manifestação de cima do helicóptero da Rede Globo, o Globocop. A reportagem inicia, na maioria das vezes, com a filmagem ao vivo e enquanto o repórter que está no Globocop descreve o que ocorre lá embaixo, são intercaladas imagens que não são ao vivo [*imagens de depredação, fachadas de lojas quebradas ou pichadas, ônibus com vidros quebrados ou pichados, manifestantes fazendo fogueiras no meio da rua ou bloqueando avenidas e parando os carros ou entrevistas com pessoas que reclamam dos problemas no trânsito ou comércio*]. A polícia é mostrada em formação ou por imagens de a distância, de policiais lançando bombas de gás para conter a *depredação* causada pelos manifestantes.

O dia 13 de junho sintetiza bem o posicionamento do Jornal Nacional na primeira semana. De início, uma reportagem de 58 segundos, onde a repórter narra as manifestações de cima do Globocop:

A situação está um pouco tensa, a polícia tenta controlar o tumulto na Av. Presidente Vargas, que é uma das mais importantes do centro do Rio, isso tudo acontece no fim do protesto contra o aumento das passagens de ônibus, manifestantes e PMS estão frente a frente, os manifestantes fazem provocações o tempo todo, [*ate este momento do vídeo as imagens são ao vivo, de policiais e manifestantes parados, frente a frente. A transmissão ao vivo é interrompida e são intercaladas imagens gravadas de uma fogueira no meio da rua*] a confusão começou há pouco, quando os manifestantes jogaram pedras em Policiais Militares que tiveram que reagir. [*Neste momento, imagens gravadas de policiais batendo nos manifestantes e um manifestante com as mãos para o alto, sem reagir*] Vocês estão vendo aí que eles também jogaram fogo em lixo, vocês estão vendo que os policiais tiveram que usar cacetetes, que tiveram que usar a força contra os manifestantes. [*É retomada a transmissão ao vivo, onde policiais e manifestantes estão parados frente a frente*] Neste momento a Av. Presidente Vargas está interditada e a gente espera que este tumulto seja brevemente controlado. (JORNAL NACIONAL, 2013a grifos da autora).

Na reportagem acima é possível identificar uma intencionalidade da emissora em enquadrar as manifestações como um tumulto à cidade e os manifestantes como os causadores desses transtornos. Após narrar e exibir as imagens de todos os confrontos causados por esses

manifestantes a violência da polícia é naturalizada, pois ela “teve que agir”. Para finalizar, a repórter manifesta sua opinião e a transfere espectador, afirmando que “a gente espera que este tumulto seja brevemente controlado”.

Mas como a reportagem não pode expressar tão explicitamente uma opinião para não fugir do caráter jornalístico, o comentário de Arnaldo Jabor se encarrega disso:

Mas afinal, o que provoca um ódio tão violento contra a cidade? Só vimos isso quando a organização criminosa de São Paulo queimou dezenas de ônibus. Não pode ser por causa de vinte centavos. A grande maioria dos manifestantes são filhos de classe média. Ali não havia pobres que precisassem dos R\$ 0,20. Isso é visível. Os mais pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com coquetéis molotov, que ganham muito mal. No fundo tudo é uma imensa ignorância política. É burrice, misturada a um rancor sem rumo. Há talvez a influência da luta na Turquia, justa e importante, contra o islamismo fanático. Mas aqui, se vingam de quê? Justamente a causa deve ser a ausência de causas. Nisso, ninguém sabe mais por que lutar, em um país paralisado pela disputa eleitoral para daqui a um ano e meio. O governo diz que está tudo bem, apesar dos graves perigos no horizonte, como inflação, fuga de capitais, juros e dólar em alta. Por que não lutam contra o projeto de emenda constitucional 37, a PEC 37, por exemplo, que será votada no dia 26 no Congresso, para impedir o Ministério Público de investigar. Talvez eles nem saibam o que é a PEC 37. Além da impunidade eterna, esses caras vivem no passado de uma ilusão, eles são a caricatura violenta, da caricatura de um socialismo dos anos 50, que a velha esquerda ainda defende aqui. Realmente, esses revoltosos de classe média, não valem nem vinte centavos. (JORNAL NACIONAL, 2013b).

O comentário, conforme estabelece Foucault (2013, p. 24), ao analisar os mecanismos de controle do discurso, “não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão a de dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no texto *primeiro*”.

Enquanto as mídias tradicionais apresentavam uma postura bastante contrária aos protestos, as mídias alternativas caracterizavam-se por, além de noticiar, participar das manifestações.

Neste primeiro período a Mídia Ninja realizava a cobertura ao vivo dos protestos, publicando os vídeos em tempo real em seu canal no Twitcasting. Em relação ao formato da reportagem, os principais fatores que a diferem das mídias tradicionais são, sem dúvida, a ausência de edição, a qualidade das imagens (que são gravadas em um smartphone) e instantaneidade da publicação. Mas, além destas características técnicas, o posicionamento do repórter, que está sempre em meio aos manifestantes, dá ao espectador a ideia de que aquela reportagem é mais “real” do que as exibidas pela televisão. Vale ressaltar que tanto a ausência de edição, quanto o posicionamento do repórter devem ser pensados também como uma estratégia discursiva. A ausência de edição não significa uma reprodução exata da realidade, já

que a escolha do que será ou não enquadrado por uma câmera, já é em si uma escolha discursiva.

O repórter é aqui também um manifestante e, lembrando de que a Mídia Ninja é aberta à participação de qualquer indivíduo (o que é ressaltado constantemente na fanpage) o repórter Ninja seria um *eu espetacularizado* (SIBILIA, 2008) e num contexto de uma sociedade que é individualista e ao mesmo tempo de redes, o fato da manifestação ser noticiada por um *repórter manifestante* gera a ideia de participação de todos os outros manifestantes na criação da notícia.

Nestes vídeos, o repórter Ninja, além de descrever o que acontece na manifestação, também informa sobre os trajetos que serão percorridos, pede a participação do internauta, com o compartilhamento ou envio de novas fotos e vídeos. Na página do Twitcasting as pessoas, além de acessarem os vídeos ao vivo, podem fazer login para criar comentários e publicar links de outros vídeos.

Nas postagens no Facebook as fotografias que retratavam os manifestantes eram sempre em planos abertos, destacando as multidões, close-ups foram utilizados para ressaltar a violência policial e os manifestantes feridos. A polícia, quase sempre apresentada em ‘blocos’, remetia à ideia de repressão e força e, dificilmente eram fotografados manifestantes isolados, exceto ao mostrar a fuga da polícia ou em atitudes que aparentavam heroísmo.

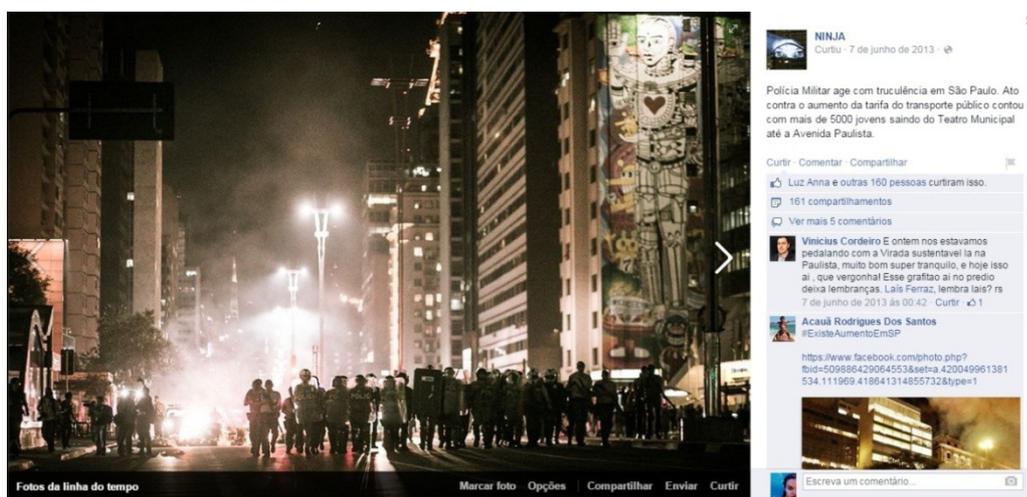


Figura 2: Foto Policiais - 07/06/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013a).



Figura 3: Foto Manifestantes - 07/06/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013b).

Já os textos das postagens apontavam a divergência entre o número de manifestantes informados pela mídia tradicional e o observado pelos participantes, e utilizavam com frequência as palavras *truculência*, *ataque* e *guerra* para se referir às ações da polícia.

O espaço para comentários das postagens tornava-se também um espaço para debate, entre os assuntos mais discutidos estavam: a divergência com as notícias da mídia tradicional sobre o número de manifestantes nas ruas, às vezes ironizada através de outras fotos; críticas à violência policial; menções aos protestos da Turquia: “Ecos da Turquia aqui no Brasil?” (07/06); críticas à Globo e ao comentário de Arnaldo Jabor sobre os “20 centavos”.

No dia 13 de junho, mesmo dia que haviam sido veiculados os comentários e reportagens claramente contrários às manifestações pelos meios tradicionais, a repórter da Folha de São Paulo é atingida no olho por um tiro bala de borracha da PM, o que fez com que, no dia seguinte, os meios tradicionais enfatizassem um pouco mais a violência da polícia.

No dia 14/06 o Jornal Nacional transmite uma nota onde a Comissão de Direitos Humanos da OAB “declara que é inaceitável, o que chamou de truculência, usada pela polícia militar para coibir protestos no país. Na nota a comissão da OAB também condena os atos de vandalismo ocorridos durante as manifestações”. No mesmo dia, a reportagem sobre São Paulo afirma “a manifestação foi marcada por excessos da polícia, e também, por atos de vandalismo de quem protestava”, com imagens da polícia revistando e prendendo manifestantes.

Nesta reportagem, diferentemente da semana anterior, o repórter não está mais no Globocop e sim em meio à manifestação, onde tem que correr para fugir das bombas lançadas

pela polícia. Além desta mudança, que é um indício de uma tentativa de aproximação com o estilo de cobertura das mídias alternativas, há outros dois momentos em que isso fica visível: quando um repórter da Carta Capital é preso e filma sua prisão com um smartphone e quando um repórter do jornal O Estado de São Paulo também filma as manifestações com seu celular, e as duas imagens são exibidas no vídeo simultaneamente. O discurso da reportagem também apresenta algumas mudanças: a polícia não aparece apenas como fazendo seu trabalho e os excessos de violência são relatados, são exibidas imagens de um policial quebrando o vidro de sua própria viatura para forjar vandalismo, entrevistas com jornalista da Folha de São Paulo ferida e com manifestantes que reclamam da violência.

No período de 15 a 19 de junho a cobertura da Mídia Ninja retratava a propagação das manifestações pelas diferentes capitais do país. Nos vídeos ao vivo frisam constantemente que “mostram o que a mídia tradicional não mostra” e falam da presença de Ninjas em todas as manifestações do país: “pessoas que têm comunicado de dentro o que tem sido as manifestações no Brasil.”

Nas postagens do Facebook continuam utilizando planos abertos para destacar as multidões, agora com mais fotos de manifestantes individuais, exibindo cartazes e com roupas verde-amarelas. Neste período as *causas* das manifestações deixam de ser apenas o aumento das passagens de transporte coletivo e isso pode ser visto nos diversos cartazes dos manifestantes sobre a PEC 37, aborto, Fifa, etc.



Figura 4: Foto Cartaz - 15/07/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013c).

Neste mesmo período o Jornal Nacional também noticiou a propagação das manifestações por diversas cidades do país, posicionando-se favorável em relação a elas, e a

repercussão internacional, com imagens de manifestações tranquilas, destacando os cartazes, as roupas verde-amarelas, e dando ênfase em que só os casos de depredação eram reprimidos pela polícia. Além disso, eram comuns entrevistas com manifestantes ou população reprovando o vandalismo. No dia 15 de junho as reportagens sobre a Copa das Confederações abordaram também as manifestações, reforçando a ideia de otimismo para o país, tanto no futebol quanto na política.

A partir desta data torna-se comum a notícia de que as manifestações são pacíficas, como na reportagem do dia 17/06, onde a repórter aponta uma mudança nas manifestações, afirmando que “o clima era outro”, e imagens de policiais desarmados e dialogando com os manifestantes. Também predominam imagens das manifestações ao vivo, tranquilas e destaque nos cartazes e roupas verde-amarelas dos manifestantes, ênfase nas palavras “sem-violência” e “sem-partido” e reportagens sobre as manifestações em outros países em solidariedade ao Brasil.

Mas, em quase todas as reportagens é informado que, no final, *um pequeno grupo de vândalos* radicaliza e inicia a depredação, justificando a ação da polícia: “um pequeno grupo transformou a praça em um espaço de guerra” (17/06), [*imagens de carro pegando fogo, manifestante de rosto encoberto jogando coquetel molotov, manifestantes carregando feridos*], “em meio à multidão que pedia paz, o grupo do vandalismo e violência tinha em torno de 300 pessoas”.

No dia 17 de junho em cobertura ao vivo a repórter comenta que os manifestantes gritavam “palavras de ordem contra a TV Globo”, logo a seguir, a apresentadora do Jornal Nacional Patrícia Poeta defende:

Olha, a TV Globo vem fazendo reportagens sobre as manifestações desde seu início e sem nada a esconder. Os excessos da polícia, as reivindicações do “Movimento Passe Livre”, o caráter pacífico dos protestos e quando houve depredações e destruição de ônibus. É nossa obrigação e dela nós não nos afastaremos. O direito de protestar e de se manifestar pacificamente é um direito dos cidadãos. (JORNAL NACIONAL, 2013c).

Ainda no dia 17, o comentarista da Rede Globo Arnaldo Jabor demonstrou, mais uma vez, a tentativa da mídia tradicional se reposicionar em relação aos protestos, com sua autocrítica, na Rede CBN de rádios, a respeito de seu discurso do dia 13 no Jornal Nacional.

Amigos ouvintes, outro dia eu errei. Sim. Errei na avaliação no primeiro dia das manifestações contra o aumento das passagens em São Paulo. Falei na TV sobre o que me parecia um bando de irresponsáveis fazendo provocações por causa de 0,20

centavos. Era muito mais que isso. Pois eu fiz um erro de avaliação. E esta é minha auto-crítica.

Este movimento, o passe livre, quando começou tinha toda a cara de anarquismo inútil, critiquei-o porque temia que toda a energia fosse gasta em bobagens, quando há graves problemas no Brasil. Mas desde quinta-feira, com a violência policial, ficou claro que há uma inquietação tardia, que tardara muito no país, pois desde 92 faltava o retorno de algo como os caras pintadas, os jovens que derrubaram um presidente. Hoje eu acho que o movimento passe livre expandiu-se como uma força política original, até mais rica do que os caras pintadas, justamente porque não tem um rumo, um objetivo certo, a priori[...]. (JABOR, 2013).

Em relação à falta de rumo e de um “objetivo certo” propagado pela mídia, no dia 18 de junho, o coletivo Anonymous lançou o vídeo "Anonymous Brasil - As 5 causas!" na internet. O vídeo, que apontava a rejeição ao PEC 37, a renúncia do Presidente do Senado Renan Calheiros, a investigação das irregularidades nas obras da Copa do Mundo, a criação de uma lei que torne a corrupção um crime hediondo e o fim do foro privilegiado como as cinco causas pelas quais a população estaria se manifestando, teve grande repercussão e viralização na internet, obtendo mais de 1 milhão de visualizações em um dia. Apesar de uma boa aceitação do vídeo pela maioria dos manifestantes, que passaram a exibir cartazes com as 5 causas nos protestos e do destaque que a mídia deu ao tema, o fato do vídeo ser de autoria anônima, posteriormente, levantou suspeitas de uma possível manipulação do rumo dos protestos.

Após a publicação do vídeo com as “5 causas” as manifestações se tornaram muito mais heterogêneas. De 20 a 24 de junho as postagens da Mídia Ninja retratavam esta heterogeneidade, apontando a divisão entre os manifestantes: foram publicadas fotos de grupos partidários se protegendo de ataques de outros manifestantes, de manifestantes festivos vestindo verde-amarelo, de manifestantes queimando a bandeira do Brasil e outro com um cartaz com os dizeres “classe média pacifista não me representa”.



Figura 5: Foto Manifestante com bandeira - 21/06/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013d).



Figura 6: Foto Manifestante Mascarado - 21/06/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013e).

No dia 20 há uma postagem sobre a expansão da Mídia Ninja “que estará presente em mais de 50 cidades do Brasil”, no dia 22 a página é censurada e sai do ar por algumas horas, devido a uma denúncia de “conteúdo inapropriado”, no dia 24 é publicado um recorte do jornal New York Times, que aponta a Ninja como “uma alternativa na cobertura das manifestações brasileiras”.

Neste período o Jornal Nacional realizou cobertura das manifestações em todas as capitais, com imagens de manifestações com grandes multidões, tranquilas e sem confronto, apontando sempre que era um *pequeno grupo* o causador do tumulto. Era frequente a utilização da palavra *vandalismo*. Em reportagem do dia 20/06, sobre a ocupação ao Congresso em Brasília, o apresentador Willian Bonner faz comentário sobre estes pequenos grupos responsáveis pelos tumultos e afirma que é “nosso dever denunciar”, apontando mais uma vez um posicionamento claro da emissora. Na manifestação do mesmo dia no Rio, considerada pelo telejornal como uma das maiores já realizadas na cidade, “manifestantes mais agressivos” [*repete o termo duas vezes na reportagem*] entram em confronto com a polícia. Em reportagem do dia 21 de junho Bonner afirma: “Mas nem todo mundo que foi ontem a Esplanada dos Ministérios queria se manifestar de maneira ordeira e tranquila, vândalos se misturaram ao movimento e tentaram atear fogo ao prédio das relações Exteriores” [*Imagens da depredação, pichação e contabilização de prejuízos*]. “Manifestações em absoluta tranquilidade terminaram em violência por baderneiros infiltrados” (21/06), [*Imagens de manifestações verde-amarelas em todas as cidades, intercaladas a imagens de depredação, confrontos e violência*].

Após o dia 24 de junho as manifestações pelo país começaram entrar em declínio, mas no Rio de Janeiro há diversos acontecimentos que motivam a continuidade das manifestações, tornando a cidade o foco da cobertura da Mídia Ninja.

No dia 25 a Mídia Ninja divulga 10 fotos sobre o massacre acontecido na favela da Maré na noite anterior, em operação do Bope após uma manifestação no bairro Bonsucesso, Zona Norte do Rio. Este material não é de produção da Mídia Ninja, mas sim de outros coletivos e ONGs atuantes na Maré, como O Redes da Maré, Observatório de Favelas e Coletivo Ocupa Alemão.

O acontecimento é noticiado pelo Jornal Nacional no mesmo dia, com entrevistas com os policiais do BOPE, autoridades de ONGs e moradores, mas sem imagens do interior da favela, nem parentes das vítimas.

Do dia 26 de junho ao 4 de julho a Mídia Ninja noticia o aumento da popularidade de sua fanpage, que atingiu 30 mil curtidas na página no dia 26 de junho, assim como as manifestações ocorridas em diversos locais do Rio de Janeiro: Jardim Botânico, contra a violência policial (29/06), final da Copa das Confederações no Maracanã (30/06), ato ecumênico pelo massacre na Maré (02/07), manifestação contra a Rede Globo (03/07), Ocupa Cabral no Leblon (04/07). As fotos das manifestações, sempre em planos abertos, procuram destacar o número de manifestantes mostrando que as manifestações na cidade não cessaram e as chamadas que acompanham os textos ressaltam o mesmo “O Rio continua ardendo”. Policiais, sempre em blocos ou barreiras representam a repressão do Estado e os close ups nos manifestantes feridos comprovam esta violência.



Figura 7: Foto Manifestação Copa - 30/06/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013f).

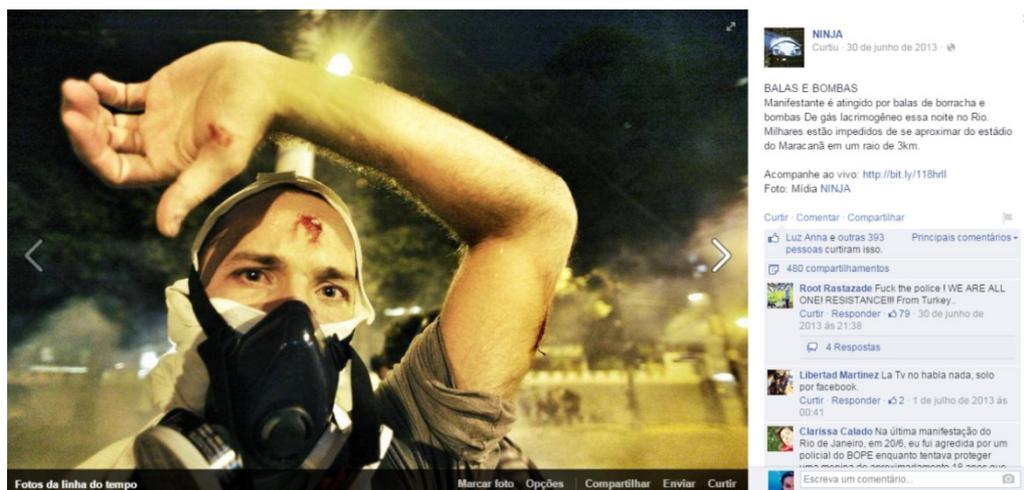


Figura 8: Foto violência policial - 30/06/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013g).

A partir do dia 26 de junho e, durante todo o mês de julho, o Jornal Nacional continua noticiando as manifestações no Rio de Janeiro, tais como os protestos no final da Copa das Confederações, o ato ecumênico na Maré e as diversas manifestações contra o governador Sérgio Cabral.

Neste período é enfatizada, cada vez mais, a depredação e prejuízos causados pelos *vândalos mascarados* e a violência da polícia volta a ser retratada como uma medida necessária para combater o vandalismo. As reportagens sobre as manifestações sempre apresentavam o mesmo estilo: *manifestações pacíficas* até que um *pequeno grupo de vândalos* inicia o confronto.

No dia 18 de julho na cobertura das manifestações contra o governador do Rio Sérgio Cabral a repórter afirma que “grupos de mascarados se infiltraram entre os manifestantes e provocaram duas horas de vandalismo nas ruas” e complementa com “os vândalos pareciam ter estratégia para agir”. Nesta reportagem é clara a ênfase contra os *mascarados*. A orquestração das palavras *vandalismo*, *vândalos* e *baderneiros* é fortíssima, já que os termos são repetidos duas vezes ao longo de uma reportagem de apenas 3min26. Entre os casos de depredação citados nas reportagens deste dia está o caso da loja da marca Toulon, no Leblon. A notícia ganhou grande repercussão, tanto na televisão, quanto nas redes sociais pela forma que foi noticiada pela Rede Globo: entrevistas com o empresário proprietário da loja chorando e acusando os manifestantes de “maldade”, diversos relatos com a população “indignada” com o vandalismo, que, no dia seguinte fez um “ato de solidariedade” em frente ao estabelecimento, vestida de branco e distribuindo flores, numa representação do “luto” pela

loja. Nas redes sociais as críticas à emissora foram, principalmente, pela diferença da ênfase que foi dada ao massacre, dias anteriores, na favela da Maré e à depredação da loja.

De 5 a 9 de julho, dias em que não houve manifestações, a Mídia Ninja enfatiza seu posicionamento contrário às ações da Polícia Militar do Rio, com a publicação uma nota de repúdio à ação da PM do Rio (dia 5), que inicia assim: “Ontem, mais uma vez, a Polícia Militar do Rio de Janeiro mostrou como é fácil transformar uma festa em pandemônio”. Nos dias 7 e 9 são publicadas fotos das manifestações em Tahir, no Egito e na Espanha. As fotos, semelhantes às das manifestações no Brasil, geram uma ideia de proximidade entre os protestos que acontecem em diferentes regiões do mundo.

No período de 11 a 19 de julho as postagens da Mídia Ninja focaram notícias sobre jornalismo independente, com fotos de reuniões de jornalistas #somostodosninjas e o anúncio de que a #ocuparedeglobo, no dia 03/07, foi Trending Topics⁶ no Twitter e que a página da Ninja atingiu 70 mil curtidores (14/07), além de postagens sobre as manifestações Ocupa Cabral, que se espalharam por diversos locais do Rio. No dia 17, informando sobre as diversas manifestações pelo Rio, uma postagem com o título Rio em Chamas apresenta uma foto de manifestantes ao lado de uma fogueira, onde um deles segurando uma faixa “não haverá paz para os políticos”.

De 22 a 25 de julho as postagens abordaram as manifestações contra a vinda do Papa ao Rio de Janeiro e suas consequências nos dias seguintes. As fotos do dia 22 apresentavam a multidão em frente ao Palácio Guanabara, a passagem do Papa-móvel e a insatisfação da população, representada através de uma foto onde um boneco do Governador Sérgio Cabral é queimado. Os textos que acompanhavam as fotos apontavam a insatisfação contra as ideias católicas, contra o sumiço do pedreiro Amarildo⁷, a violência policial e a prisão dos jornalistas da Mídia Ninja. Todos os posts acompanham três links de cobertura ao vivo, realizada simultaneamente em diferentes locais da manifestação. Neste dia é preso também um jovem chamado Bruno Ferreira teles, acusado de portar explosivos em uma mochila e ser o responsável por lançar um coquetel molotov contra a polícia. No dia 23 a Mídia Ninja publica

⁶Os Trending Topics são uma lista em tempo real das frases mais publicadas no Twitter pelo mundo ou no país.

⁷O pedreiro Amarildo Dias de Souza desapareceu no dia 14 de julho de 2013, na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, após ter sido detido para averiguações por Policiais Militares, na porta de sua casa, e levado até a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha. Seu desaparecimento, que se tornou símbolo da violência policial no Rio de Janeiro, deflagrou diversas manifestações com apoio internacional pelas redes sociais. O caso teve resolução cerca de três meses depois e os Policiais Militares da UPP da Rocinha foram indiciados pelo crime.

um vídeo intitulado “Bruno pede vídeos que demonstrem sua inocência”, filmado de dentro da 9DP. Ao final da postagem o Ninja ressalta “não é pra curtir, é pra espalhar”.



Figura 9: Post sobre vídeo de Bruno

Fonte: Mídia Ninja (2013h)

Enquanto a Mídia Ninja destacava o crescimento das redes de jornalismo independente e as manifestações contra o Papa, o Jornal Nacional noticiou essas manifestações, mas sem enfatizar a insatisfação contra a vinda do Papa. A atuação da Mídia Ninja também é citada no JN, em reportagem do dia 23/07 afirma que “A polícia foi criticada por ter prendido um dos integrantes da Mídia Ninja, que transmite as manifestações pela internet”, e comenta que as manifestações estavam tranquilas até a chegada de grupo de mascarados. Criticada anteriormente nas redes sociais por tomar como fonte apenas a versão da polícia em alguns protestos, neste dia cita também a acusação de que havia policiais infiltrados na manifestação para provocar tumulto e mostra um trecho do vídeo de Bruno, da entrevista à Mídia Ninja.

O vídeo de Bruno, publicado pela Mídia Ninja, com mais de mil curtidas e 261 comentários foi compartilhado por 2.616 internautas. Graças à participação popular que colaborou com o envio de vídeos a inocência de Bruno e outros detidos foi provada e a Globo, através do JN (edição do dia 24) teve que questionar a ação da polícia, afirmando que o estudante não portava explosivos. A reportagem aborda a acusação, fala sobre a entrevista da Mídia Ninja pedindo vídeos que comprovem a inocência do jovem e mostra alguns vídeos enviados pelos internautas, através dos quais foi possível comprovar a farsa da polícia.

No período de 26 de julho a 3 de agosto as postagens na fanpage da Ninja abordavam as manifestações Ocupa Cabral e os protestos contra o desaparecimento de Amarildo. As fotos que retratam as ocupações ou atos na praia são coloridas, já as fotos que retratam a repressão policial, os feridos, ou os Black Blocs⁸ são em preto e branco, denotando, na cobertura alternativa também, uma diferença entre as ocupações pacíficas e a represália violenta, só que neste caso a violência é da polícia.

As manifestações do Ocupa Cabral tiveram uma cobertura menor do Jornal Nacional, no dia 29, a Mídia Ninja publica uma nota com o título “Globo erra na apuração de protestos no Rio”, onde critica a apuração das fontes da Rede Globo, que se baseou apenas em informações da PM para criar a notícia de que a manifestação teria acabado. No post, além do link para cobertura ao vivo [*com a manifestação acontecendo*] a Ninja disponibiliza os links para as matérias do G1 sobre a manifestação ter terminado.

De 14 a 19 de agosto a Mídia Ninja cobriu a greve dos professores do Rio de Janeiro, que devido à onda de protestos que já ocorriam na cidade ganhou rapidamente o apoio da população, inclusive o apoio de São Paulo, que realizou o “3º ato em solidariedade aos irmãos cariocas” e de grupos de Black Blocs que garantiam a “segurança” da manifestação e ocupavam a linha de frente nos confrontos com a polícia. A divulgação deste tipo de notícia fortalecia a ideia de uma *rede* e de que os protestos não são atos isolados, mas que estão todos relacionados.

No final do mês de agosto a Mídia Ninja faz algumas publicações criticando as mídias tradicionais, principalmente a Rede Globo. No dia 25 publica um vídeo sobre a manipulação da informação e opinião pública, que mostra as palavras mais repetidas pelos meios de comunicação de massa na cobertura das manifestações e a orquestração da palavra *vandalismo*. Já no dia 31, são publicados dois links de matérias da Rede Globo, um mostrando o “arrependimento” da emissora por apoiar a ditadura militar, outro com o atual posicionamento em relação às manifestações, em relação à qual estaria repetindo a mesma postura.

Durante a primeira quinzena de agosto o Jornal Nacional acompanha o caso Amarildo, os protestos contra seu desaparecimento e as investigações da polícia. Nos dias 13 e 14 de

⁸Os Black Blocs são grupos de pessoas mascaradas e vestidas de preto que se unem para ações diretas contra o Estado e a Polícia em manifestações. Com uma estrutura descentralizada, sem hierarquias e de inspiração anarquista, os Black Blocs surgiram na Europa na década de 1980 e ganharam maior visibilidade após a atuação na Batalha de Seattle. Além do ataque direto à propriedades privadas, consideradas símbolo do capitalismo, os Black Blocs também ocupam a linha de frente nas manifestações para proteger os manifestantes da polícia e também enfrentá-la.

agosto o Jornal Nacional fala da ocupação à Câmara dos Vereadores e Ocupa Cabral, sempre enfatizando os casos de depredação e vandalismo provocados pelos “mascarados infiltrados” no final dos protestos.

As críticas à Rede Globo eram muito frequentes em todas as manifestações, e foram o tema de alguns protestos como o #OcupaRedeGlobo em julho, porém a emissora noticiou apenas alguns casos de depredação a carros de reportagem ou contra a fachada da Rede Globo, como sendo atos de vandalismo sem causa. No dia 15 de agosto o Jornal Nacional publica uma nota de repúdio do Sindicato de Jornalistas do Rio, sobre a intimidação a jornalistas durante protestos, onde afirma que “Agredir jornalistas e queimar carros de reportagem nos faz lembrar tempos sombrios”.

De 1 a 5 de setembro a Mídia Ninja realiza postagens sobre as atividades culturais realizadas no 35º dia do Ocupa Cabral, mostrando a participação de famílias com crianças e intervenções artísticas, bem diferente das imagens de vandalismo e depredação orquestradas pelo Jornal Nacional, além de informações sobre a continuação da greve dos professores e uma nota sobre a proibição do uso de máscaras nas manifestações, sob o título de “A máscara da criminalização dos movimentos” (04/09) e uma foto de Caetano Veloso mascarado (05/09), intitulada “Caetano Black Bloc” acompanhada da frase: “é uma violência simbólica proibir o uso de máscaras. No dia 7 de setembro todos deverão ir às ruas mascarados!”



Figura 10: Foto Caetano Mascarado - 05/09/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013i).

Nos dias 7 e 8 de setembro as publicações referiam-se aos protestos do dia 7. As postagens ressaltavam a violência policial, através de fotos de manifestantes feridos por balas

de borracha e denunciavam o uso de armas letais em manifestação de São Paulo: “Arma de verdade”. A partir deste período os Black Blocs ganham maior destaque nas notícias sobre as manifestações postadas pela Mídia Ninja. Das 5 publicações do dia 7 de setembro, 3 citavam os Black Blocs: um vídeo da Black Bloc Emma, falando sobre o mês que ficou acampada nas manifestações Ocupa Cabral e os protestos de 7 de setembro; uma foto de Black Blocs correndo em manifestação de SP em frente ao banco Itaú, com o título “feito pra você” e uma foto de manifestantes Black Bloc sendo socorridos, após um carro atropelá-los durante a manifestação.

No dia 8 dois vídeos foram publicados, um sobre as manifestações do Rio no dia anterior, ressaltando a violência policial e a proibição do trabalho dos midialivristas e outro sobre o policial Bruno, capitão do Choque de Brasília, que ao ser perguntado sobre a motivação de agredir manifestantes pacíficos respondeu “porque eu quis”. O vídeo alcançou mais de 900 mil visualizações no Youtube e se transformou em *meme* nas redes sociais, além de dar origem a uma fanpage com o mesmo nome, que aborda assuntos sobre as manifestações.

O Jornal Nacional também noticia as Manifestações do 7 de setembro em São Paulo e no Rio de Janeiro, com a mesma característica: manifestações pacíficas que terminam em violência causada por vândalos mascarados, que tornaram necessária a ação da polícia.

De 11 a 20 de setembro as postagens abordaram, tanto as críticas feitas pela Rede Globo e Arnaldo Jabor (10/09) aos *mascarados*, como também críticas à postura violenta da polícia no Rio de Janeiro, principalmente em relação ao sumiço do pedreiro Amarildo na favela da Rocinha (que completava dois meses no dia 14 de setembro) e à postura dos meios tradicionais em relação aos protestos e movimentos sociais. No dia 13 de setembro é publicada uma foto de um rato gigante sendo queimado em protesto contra a Folha de São Paulo, pelo apoio do jornal à ditadura militar, reconhecido em editorial de 2009, onde chamava a ditadura de “Ditabranda”.

Do dia 24 de setembro ao dia 7 de outubro a Mídia Ninja acompanhou a greve dos professores, realizando postagens diariamente sobre os protestos. Na cobertura da greve dos professores era comum a Mídia Ninja compartilhar textos ou vídeos realizados por outros grupos de midialivristas (24/09 Vírus planetário, 28/09 RioNaRua, 29/09 Vidblog Vidgal, 30/09 Coletivo Mariachi, 30/09 Léo Nabuco, 01/10 RioNarua, 01/10 Jornal a Nova Democracia, 01/10 Coletivo Carranca, 01/10 Rafucko) demonstrando uma conexão entre os diversos midialivristas.

Em relação às fotos da cobertura das manifestações dos professores, realizada pela Mídia Ninja, é possível separá-las em três tipos: o primeiro, fotos coloridas e de alta qualidade, geralmente utilizadas para retratar a multiplicidade de bandeiras e cartazes dos manifestantes, para realçar a diversidade das multidões e close up de manifestantes; o segundo tipo seriam as fotos de celular ou fotos dos vídeos da cobertura ao vivo, nas quais a imagem por si só não é tão relevante, mas reforça a ideia da instantaneidade e da presença dos ninjas dentro das manifestações (estas fotos sempre acompanhadas dos links da cobertura ao vivo); já o terceiro tipo, são fotos em preto e branco retratando a polícia ou a multidão.



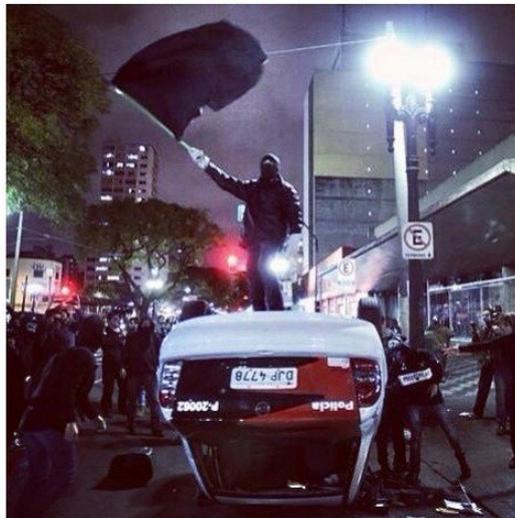
Figura 11: Foto polícia na Cinelândia - 29/09/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013j).

Nestas postagens, percebe-se uma intencionalidade de que as fotos destes protestos relembrem protestos do passado, como do período da ditadura, por exemplo. No dia 7 de outubro, dia da maior manifestação da greve dos professores no Rio e que também houve protestos em SP em solidariedade aos professores do Rio, algumas postagens remetiam aos protestos de junho “Tipo Junho” e “Olha um milhão de novo” são dois exemplos disso. Em São Paulo Black Blocs são o destaque das postagens “Reviravolta”, título de foto de um carro da polícia virado pelos Black Blocs, “Reviravolta 2”, foto do mesmo carro com Black Bloc em cima (em pose heróica) e “Black Mac” foto de fachada do MC Donald’s sendo destruída pelos Black Blocs em “ato simbólico contra bancos e lojas” conforme texto da Mídia Ninja, são exemplos disso.

Reviravolta 2

Manifestantes Black Bloc viram carro da Polícia Civil após início de confronto em frente a Secretaria Estadual de Educação em São Paulo (SP). Ato foi dispersado pelas ruas do centro e está agora dividido em diversos grupos.



Curtir · Comentar · Compartilhar · 1.890 130 521

Figura 12: Foto Black Bloc - 07/10/2013.

Fonte: Mídia Ninja (2013).

O Jornal Nacional também acompanhou a greve dos professores desde o dia 26 de setembro, noticiando-a como uma reivindicação legítima da classe, que iniciava de forma pacífica, mas que terminava em violência devido aos mascarados que se infiltravam nos protestos. Sobre a manifestação do dia 7 de outubro no Rio e São Paulo, o Jornal Nacional apresentou a cobertura ao vivo, exibindo as imagens de um ônibus sendo queimado no centro do Rio e afirmando que a manifestação pacífica terminava com cenas de vandalismo e a polícia *teve* que agir no momento em que os “criminosos iniciaram a depredação”.

Após a greve dos professores houve outros protestos com acontecimentos importantes, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, porém a atuação da mídia, tanto da tradicional quanto da alternativa, não sofreu grandes mudanças. Desta forma, e pela necessidade de delimitar um período, a análise encerra no dia 7 de outubro de 2013.

4.2.1 Resultados da Análise

Na sociedade globalizada, com o avanço das tecnologias, obter informação torna-se cada vez mais fácil e rápido. O Brasil é um país onde o acesso à internet está bastante popularizado, conforme mostram os dados do IBGE, em 2013 a internet chegou à metade dos

lares do país (IBGE, 2013). Apesar disso, a televisão ainda é o meio de comunicação e informação mais abrangente e, em alguns casos, o único.

Nestes casos, a forma mais fácil de obter informação é através de um telejornal, como o Jornal Nacional, que apresenta a notícia de uma forma direta, clara, sintética e bem-editorializada, fazendo com que a audiência não sinta a necessidade de recorrer a outras fontes.

As narrativas jornalísticas têm o objetivo de tornar conhecidos acontecimentos da atualidade, que logo se perderiam na memória, ou seja, de construir um registro histórico (CARVALHO, 2012).

Em relação às narrativas jornalísticas audiovisuais, os recursos de filmagem e edição são capazes de conceder uma verossimilhança aos signos, fazendo com que estes aparentam reproduzir a realidade (OROZCO, 1991).

Por mais que a televisão ainda seja hegemônica, para quem já vivencia a lógica da internet e está familiarizado com a estrutura de redes a linearidade e pré-formatação das notícias já não atende por completo a demanda por informação.

A Mídia Ninja incorpora a lógica das redes, tanto na forma de criação e veiculação das notícias – colaborativa, descentralizada e compartilhada em diversos canais *linkados* uns com os outros - quanto na própria narrativa – reforçando ideias como conectividade, instantaneidade, colaboratividade, espontaneidade.

Sabendo que as narrativas jornalísticas objetivam que um fato da atualidade seja lembrado na memória e que, estas narrativas são antecedidas pelos pressupostos ontológicos e ideológicos de quem as produz, apresentando assim uma intencionalidade (CARVALHO, 2012 Apud GENRO FILHO, 1987) e, sendo clara a diferença ideológica entre a Mídia Ninja e o Jornal Nacional não causa surpresa que suas diferenças ideológicas se reflitam em suas reportagens sobre as manifestações de 2013.

Diferentemente do Jornal Nacional que procura sempre criar categorias - *mocinho x vilão*, *manifestante pacífico x vândalo* - a Mídia Ninja, apesar de que é possível perceber que ela “simpatiza” por certo tipo de manifestantes, não os categoriza de forma binária. Os *mascarados*, os *nacionalistas*, os *com partido*, entre tantos outros, são retratados de forma que uma pessoa vê uma foto de um manifestante de vestido de preto destruindo a fachada de um banco, pode considerá-la tanto de forma positiva, como um ato contra o capitalismo, quanto negativa, como depredação desnecessária.

De acordo com o que foi visto anteriormente sobre recepção e audiência televisiva de Hall (2013) e Orozco (1991), mesmo que a ideia de passividade do receptor já seja considerada como ultrapassada pelos estudos atuais de comunicação, a repetição exaustiva de alguns termos como “vandalismo” e “deprecação”, fazem com que a audiência tenha como referente, na criação de sentido, a mensagem hegemônica que o emissor teve a intenção de transmitir.

Porém, para fins de análise, é mais pertinente ressaltar os pontos não apenas de divergência entre ambas as coberturas, mas também os momentos de encontro, onde interagem e se articulam, modificando-se mutuamente.

Ao filmar e compartilhar imagens sobre as manifestações, a Mídia Ninja passou a pautar a mídia tradicional e os telejornais, sendo esta uma característica basilar deste novo cenário, apontada por Jenkins (2009) na obra *Cultura da Convergência*, quando afirma que, atualmente, as mídias tradicionais têm se tornado mais interativas e mais rápidas, não por opção, mas como uma forma de se adaptar às demandas da audiência estimuladas, em grande parte, pelas redes sociais e novas mídias. Na análise da cobertura do *Jornal Nacional* sobre as manifestações há diversos momentos onde isso é perceptível e o telejornal, motivado principalmente pelas críticas da população nas redes sociais e nos protestos, modifica o seu discurso em relação às manifestações ou à ação da polícia, insere os repórteres em meio aos manifestantes, assim como os Ninjas, e não mais apenas desde um helicóptero e utiliza filmagens amadoras ou de outros veículos para compor as reportagens e até mesmo, da própria Mídia Ninja.

Já a Mídia Ninja, ao mesmo tempo em que propõe uma cobertura midiática diferente da hegemônica, não pode afastar-se por completo do jornalismo tradicional para ter credibilidade e legitimidade. É comum, por exemplo, que sejam publicadas na fanpage da Ninja críticas aos grandes jornais, mas também, é visto como legitimador quando estes jornais noticiam a atuação da Mídia Ninja nas manifestações.

No contexto da sociedade em redes, a convergência não envolve apenas a produção da notícia, mas também a recepção. Como foi mencionado anteriormente, as reportagens do *Jornal Nacional* apresentam uma estrutura linear e sintetizam a notícia de forma que a audiência, de modo geral, não sinta a necessidade de recorrer a outros meios para complementar a informação. Ao contrário disso, a cobertura realizada pela Mídia Ninja, por ser produzida a partir da lógica das redes, possui esta lógica também na sua estrutura e o sentido das mensagens criado pela audiência está na convergência. Ao acessar a página do

Facebook para obter informação sobre as manifestações o receptor vê uma foto com um pequeno texto que sintetiza a informação, lá ele tem os links que o levam às transmissões ao vivo das manifestações e, às vezes, para a cobertura de outros coletivos, que permitem que ele expanda a informação recebida. Isso não quer dizer que não seja possível que a pessoa veja a publicação no Facebook e fique satisfeita de informação, porém a estrutura é feita com o intuito de que o público percorra esta rede e crie o sentido da mensagem através da convergência.

Após traçar um panorama da cobertura midiática das manifestações de 2013 no Brasil e analisar a atuação do Jornal Nacional e Mídia Ninja, de acordo com as bases teóricas propostas, encerra-se o capítulo 4. No capítulo seguinte serão apresentadas as conclusões acerca deste estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de globalização que a sociedade tem vivido nos últimos anos é impulsionado, principalmente, pelos avanços nas tecnologias de informação. Esses avanços possibilitam que a comunicação transcenda fronteiras e o mundo se interligue, numa estrutura de *redes*.

Neste contexto, surge o conceito de *cultura da convergência*, na qual ocorrem transformações no modo de produzir e consumir os produtos midiáticos e a comunicação passa de um sistema de mídia de massas para um sistema multimídia. Outra característica da cultura da convergência é em relação à utilização das mídias por parte da população, já que, facilitada pelos avanços tecnológicos, ganha mais possibilidades de produzir comunicação e passa a utilizar a mídia para fins de mobilização social e não apenas de entretenimento.

Nos últimos anos tem se observado diversos movimentos sociais, tais como os levantes conhecidos como Primavera Árabe, o Occupy Wall Street, e as manifestações de 2013 no Brasil, onde a tecnologia, a comunicação e o ciberespaço desempenharam papel fundamental. Uma característica comum aos três movimentos foi o advento das chamadas *novas mídias* que, muitas vezes, entraram em confronto com as notícias propagadas pela mídia hegemônica.

Esta pesquisa teve como objetivo identificar o processo de convergência que a sociedade está vivendo e como ele se reproduz na atuação da mídia. Para isso, foi analisada a cobertura das mídias tradicionais, com foco no Jornal Nacional e das novas mídias, com foco na Mídia Ninja, sobre as manifestações ocorridas em 2013 no Brasil.

Após confrontar as duas coberturas foi possível perceber que há uma constante articulação, por parte Mídia Ninja, para democratizar a comunicação e legitimar seu discurso, e do Jornal Nacional, para atualizar-se conforme as demandas sociais e não perder a hegemonia.

As reportagens ao vivo da Mídia Ninja, realizadas dentro das manifestações, pautaram diversas vezes o Jornal Nacional, que devido às críticas da população nas redes sociais e nos protestos, teve que modificar o seu discurso, como foi visto no capítulo anterior.

Em relação à estrutura das narrativas as mídias tradicionais e as novas mídias apresentam divergências. Se, por um lado o Jornal Nacional possui uma estrutura linear e

direta, dispensando conexões com outras fontes, a Mídia Ninja é produzida a partir da lógica das redes, estimulando o receptor a conectar diversos produtos de mídia.

Apesar de existirem diferenças ideológicas que se refletem no discurso produzido acerca das manifestações, não cabe aqui afirmar que as novas mídias tomarão o lugar das mídias tradicionais, apesar da sociedade estar em um período de transição e de que muitos teóricos considerem indústria cultural e a comunicação de massa como “ultrapassada”, as grandes corporações midiáticas, para garantir seu espaço no mercado se adaptam de acordo com as necessidades atuais. Além disso, a credibilidade da população em relação às mídias alternativas, está relacionada a sua espontaneidade, independência e proximidade com o público, o que se perderia caso houvesse uma inversão de papéis. O que pode se afirmar é que a sociedade encontra-se em um contínuo processo de convergência, onde, novas mídias, meios tradicionais e audiência dividem o mesmo espaço, um tabuleiro de forças e tensões, onde ocorre uma constante disputa de poder e sentidos.

Ao concluir esta monografia, é pertinente ressaltar que o tema pode ser aprofundado, permitindo novas pesquisas. As manifestações de junho deixaram como legado a experiência positiva de mobilização popular através das redes sociais, que refletiu na organização de protestos também no ano de 2014. Entre eles, um exemplo que possibilita uma análise pertinente é a Greve dos Garis, convocada e noticiada pelos próprios garis, através das redes sociais, em março de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADBUSTERS. Chamada Occupy Wall Street 13 Julio 2011.
Disponível em: <<https://www.adbusters.org/blogs/adbusters-blog/occupywallstreet.html>>.
Acesso em 30 jul 2014.
- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. in COHN, Gabriel (org.). Comunicação e Indústria Cultural. 4ª edição, São Paulo: Companhia Nacional, 1978.
- BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. São Paulo: Summus, 1986.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BRAGA, Ruy. Sob a sombra do precariado. In MARICATO, Ermínia [et. al.]. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo. A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Acção Política. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.
- CASTELLS, Manuel. Redes de indignación y esperanza. Alianza editorial: Madrid, 2012.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. "Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur". IN: *Revista Matrizes*, anos 6, n. 1. São Paulo, 2012.
Disponível em: < <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/261/pdf>>.
Acesso em 25Mar. 2015
- FERABOLLI, Sílvia. Entre a revolução e o consenso: os rumos da Primavera Árabe. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 51, p. 101-109, jan./jun. 2012.
- FOUCAULT, Michel. A odem do discurso: aula inaugural no Còllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- GIDDENS, Anthony. O mundo na era da globalização Lisboa: Presença, 2000.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. Edições Loyola, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação* v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.
- HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

IBOPE. Pesquisa Brasileira de Mídia. 2014

Disponível em

<<http://www.ibope.com.br/ptbr/noticias/Documents/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>.

Acesso em 25 Mar. 2015.

JABOR, Arnaldo. Declaração na Rede CBN. Edição 17/06/2013.

Disponível em: <http://www.Youtube.com/watch?v=I15sc85hO-g>. Acesso em 30 out 2013.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo, Editora Aleph, 2009.

JORNAL NACIONAL. Reportagem 13/07. 2013a

Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-entram-em-confronto-com-policia-de-sp-contr-aumento-da-passagem-de-onibus/2620082/>>.

Acesso em 12 fev. 2015

JORNAL NACIONAL. Declaração Jabor. 2013b.

Disponível em: <http://www.Youtube.com/watch?v=luLzhtSYWC4>. Acesso em 30 out 2013.

JORNAL NACIONAL. Patrícia Poeta. 2013c

Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-entram-em-confronto-com-policia-de-sp-contr-aumento-da-passagem-de-onibus/2620082/>>.

Acesso em 12 fev. 2015

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? Lua nova: São Paulo, 1989.

MÍDIA NINJA. Foto Polícia. 2013a

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/189847257840094/?type=1&theater>>. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Manifestação. 2013b

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/189841441174009/?type=1&theater>>. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Cartaz. 2013c

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/193958990762254/?type=1&theater>>. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Nacionalista. 2013d.

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/195743350583818/?type=1&theater>>. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Mascarado. 2013e.

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/195753320582821/?type=1&theater>>. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Copa.2013f

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/199355866889233/?type=1&theater>>. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Ferido. 2013g.

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/199432453548241/?type=1&theater>>. Acesso em >. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Vídeo Bruno. 2013h.

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/199432453548241/?type=1&theater>>. Acesso em >. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Caetano. 2013i.

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/199432453548241/?type=1&theater>>. Acesso em >. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Cinelândia. 2013j.

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/199432453548241/?type=1&theater>>. Acesso em >. Acesso em 02 nov. 2014.

MÍDIA NINJA. Black Bloc. 2013l.

Disponível em

<<https://www.Facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/199432453548241/?type=1&theater>>. Acesso em >. Acesso em 02 nov. 2014.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In MARICATO, Ermínia [et. al.]. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. Disponível em:< <http://www.mpl.org.br/>>. Acesso em 30 out 2013.

NETPAPERS. Capa folha de São Paulo 13/06/2013.

Disponível em: <http://www.netpapers.com/capa-do-jornal/folha-de-sao-paulo/13-06-2013>. Acesso em 30 out 2013.

NETPAPERS. Capa folha de São Paulo 14/06/2013.

Disponível em: <http://www.netpapers.com/capa-do-jornal/folha-de-sao-paulo/14-06-2013>. Acesso em 30 out

OCUPPY. Site oficial Occupy Wall Street, 2011.

Disponível em: <<http://occupywallst.org/>> . Acesso em 30 jul 2014.

OROZCO, Guillermo. La mediación en juego. Televisión, cultura y audiéncias. In *Comunicación y Sociedad*, núm. 10-11, septiembre-abril 1991, p; 107-128. Universidad Iberoamericana, México, 1991.

PAVLIK, John V. A tecnologia digital e o jornalismo: As implicações para a Democracia. Vol.7. *Brazilian Journalism Research*, 2011.

PRONZATO, Carlos. *Revolta do Buzu*, 2003.

Disponível em: <<http://www.Youtube.com/watch?v=dQASaJ3WgTA>>. Acesso em 20 mai 2014.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In MARICATO, Ermínia [et. al.]. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1ed. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. Em são Paulo o Facebook e o Twitter foram às ruas. MARICATO, Ermínia [et. al.]. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1ed. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Globalização: Fatalidade ou Utopia? A Sociedade portuguesa perante os desafios da globalização Vol 1*. Edições Afrontamento, 2002.

Disponível em <<http://www.eurozine.com/articles/2002-08-22-santos-pt.html>> Acesso em 15 Jul 2014.

SECCO, Lincoln. As jornadas de junho. In MARICATO, Ermínia [et. al.]. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1ed. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, T. *Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais*. *Galaxia* (São Paulo, *Online*), n. 23, p. 35-47, jun. 2012.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte. *Juventude, contestação e a política de pernas pro ar: Movimento Passe Livre em Florianópolis*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em <http://www.nejuc.ufsc.br/artigos/juventude_contestacao_politica_pernas_ar.pdf>. Acesso em 05 Ago 2014.

SPOSITO, Marília pontes. *Ação coletiva, jovens e engajamento militante*. In CARRANO, Paulo e FÁVERO, Osmar. *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói editora da UFF, 2014.

ZIZEK, Slavoj. Problemas no paraíso. In MARICATO, Ermínia [et. al.]. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ed. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013.